



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado**



**LÍVIA DE ARRUDA FOCCHI**

**Aproximações recentes entre construcionismo social e terapia**  
**no contexto acadêmico brasileiro**

**UBERLÂNDIA**

**2021**

**LÍVIA DE ARRUDA FOCCHI**

**APROXIMAÇÕES RECENTES ENTRE CONSTRUCIONISMO SOCIAL E  
TERAPIA NO CONTEXTO ACADÊMICO BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Emerson F. Rasera

**UBERLÂNDIA**

**2021**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F652 Focchi, Livia de Arruda, 1994-  
2021 Aproximações recentes entre construcionismo social e  
terapia no contexto acadêmico brasileiro [recurso  
eletrônico] / Livia de Arruda Focchi. - 2021.

Orientador: Emerson Fernando Rasera.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.591>  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Rasera, Emerson Fernando, 1972-  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-  
graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Lívia de Arruda Focchi

Aproximações recentes entre construcionismo social e terapia no contexto acadêmico  
brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Emerson F. Raserá

**Banca Examinadora**

Uberlândia, 05 de novembro de 2021

---

Prof. Dr. Emerson Fernando Raserá (Orientador)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia

---

Profa. Dra. Gabriela Martins Silva (Membro Titular Interno)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Profa. Dra. Carla Guanaes-Lorenzi (Membro Titular Externo)  
Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, SP

---

Profa. Dra. Eliane Regina Pereira (Membro Interno Suplente)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Dra. Gabriela Silveira de Paula Ravagnani (Membro Externo Suplente)  
Universidade de São Paulo – Ribeirão Pedro, SP

**UBERLÂNDIA**  
**2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 381, PGPSI				
Data:	Cinco de novembro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:15
Matrícula do Discente:	11912PSI011				
Nome do Discente:	Lívia de Arruda Focchi				
Título do Trabalho:	Aproximações recentes entre construcionismo social e terapia no contexto acadêmico brasileiro				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A difusão do construcionismo social no Brasil				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Carla Guanaes Lorenzi - USP/RP; Gabriela Martins Silva - ESEBA/UFU; Emerson Fernando Rasera, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Dr.<sup>a</sup> Carla Guanaes Lorenzi participou da cidade de Ribeirão Preto - SP, a Dr.<sup>a</sup> Gabriela Martins Silva, o Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera e a discente Lívia de Arruda Focchi participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Emerson Fernando Rasera apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o

resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Emerson Fernando Rasera, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/11/2021, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Guanaes-Lorenzi, Usuário Externo**, em 08/11/2021, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Martins Silva, Professor(a) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 08/11/2021, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3107978** e o código CRC **099C583A**.

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar essa etapa do mestrado, gostaria de agradecer àqueles que me auxiliaram a atravessar essa experiência que tanto desejei, mas que, no entanto, mostrou-se desafiadora em alguns momentos.

Primeiramente, agradeço ao professor Emerson F. Rasesa por ter me apresentado o construcionismo social na graduação, e por desde então compartilhar comigo um pouco da sua vasta sabedoria sobre esse movimento. Além disso, agradeço às professoras Carla Guanaes-Lorenzi e Gabriela Martins Silva, bem como ao Dr. Pedro Pablo Sampaio Martins por terem colaborado para a melhoria desta pesquisa enquanto membros da banca de qualificação e/ou de defesa da mesma. Para mais, agradeço à Profa. Dra. Eliane Regina Pereira e à Dra. Gabriela Silveira de Paula Ravagnani pelo auxílio como membros suplentes, e à secretária Adriana Oliveira por toda a sua ajuda e gentileza durante os últimos anos.

Também quero agradecer aos meus pais, Maria do Carmo e José Miguel, e ao meu irmão, Rodolfo, por terem me ensinado a importância do estudo, e por terem demonstrado tamanha compreensão frente a minha ausência durante o período em que eu estive trabalhando nesta pesquisa.

Agradeço, ainda, ao meu companheiro e amigo, Rafael Camilo, por ter me encorajado a entrar no mestrado e me incentivado a persistir nele, assim como por ter me auxiliado diversas vezes a refletir sobre os caminhos deste estudo, e por ter me oferecido seu apoio incondicional para que eu pudesse concluir a presente pesquisa.

Gostaria de também agradecer às minhas amigas de infância, Mariana Maranduba do Valle, Andreia Scarpelli, Gabriele Maniezo, Maria Victória Lisboa, Gabriela Issas e Gabriela Pires, por terem me ajudado a manter o sorriso no rosto e a fé em mim mesma durante os

momentos difíceis que vivi na época do mestrado. À minha amiga Julia Homs, quero agradecer por tudo isso, como também pela sua disposição para ler meu trabalho e oferecer suas ricas impressões de “escritora”.

Além disso, agradeço à minha amiga Amanda Borba, por ter compartilhado “as delícias e as dores” do mestrado comigo, do início ao fim. Todos os encontros que tivemos para estudar juntas ou apenas para conversar sobre o que estávamos vivendo, foram muito significativos para mim e me trouxeram muita força para seguir adiante. No mais, agradeço à minha amiga Ana Carolina Oliveira pela parceria em tempos de pandemia, e por todo o seu apoio enquanto estive escrevendo esta pesquisa.

Por fim, quero agradecer à Universidade Federal de Uberlândia por ter me possibilitado a formação em Psicologia tanto na graduação, como agora no mestrado. Ao agradecer à UFU, agradeço, de modo geral, à universidade pública brasileira, que mesmo diante do atual cenário político de desvalorização da educação, permanece oferecendo ensino público, gratuito e de qualidade à população.



## RESUMO

Considerando a crescente difusão do construcionismo social no Brasil em diferentes áreas da Psicologia, este estudo teve como objetivo geral analisar as aproximações entre terapia e construcionismo social na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Para tal, desenvolveu-se um estudo bibliográfico qualitativo que contemplou a análise de conteúdo de 26 pesquisas ligadas à divulgação das terapias socioconstrucionistas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, ou nas plataformas PePSIC e/ou SciELO entre 2010 e 2021. Os resultados da análise possibilitaram a construção dos seguintes eixos temáticos: 1) A difusão das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro, 2) O movimento construcionista na academia, e 3) Que terapia é essa?. Foi possível identificar que o tema das terapias construcionistas tem sido divulgado com pouca frequência no meio investigado, principalmente por psicólogas(os) que, no geral, visaram a análise de diferentes abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas, de processos terapêuticos e suas implicações, bem como da difusão de teorias e técnicas entre terapeutas familiares. Notou-se ainda que os estudos analisados se aproximam dos discursos de Gergen, Anderson e McNamee, especialmente para se pensar a clínica como uma construção social, confirmando que diferentes tendências construcionistas vêm sendo produzidas e divulgadas no país. Além disso, a análise permitiu compreender que as noções de terapia ligadas ao construcionismo estão sendo tipicamente associadas à comunicação, relacionamento e à mudança dos sentidos de problema, e que as práticas relatadas estiveram, sobretudo, direcionadas para famílias e pessoas adultas, sob a influência da abordagem colaborativa de Anderson e Goolishian, dos processos reflexivos de Andersen, e das práticas narrativas de White e Epston.

Palavras-chave: terapia, construcionismo social, difusão do conhecimento.

## ABSTRACT

Considering the growing diffusion of the social constructionism in Brazil in different areas of Psychology, this study had as general objective to analyze the approximations between therapy and social constructionism in the current Brazilian academic context. To this end, a qualitative bibliographic study was developed that included the content analysis of 26 researches related to the dissemination of socio-constructionist therapies in the CAPES Theses and Dissertations Catalog, or in the PePSIC and/or SciELO platforms between 2010 and 2021. The results of analysis enabled the construction of the following thematic axes: 1) The dissemination of socio-constructionist therapies in the Brazilian academic context, 2) The constructionist movement in academia, and 3) What is this therapy?. It was possible to identify that the theme of constructionist therapies has been infrequently publicized in the investigated environment, mainly by psychologists who, in general, aimed at the analysis of different therapeutic approaches, concepts and techniques, therapeutic processes and their implications, as well as the diffusion of theories and techniques among family therapists. It was also noted that the analyzed studies are close to the speeches of Gergen, Anderson and McNamee, especially to think of the clinic as a social construction, confirming that different constructionist trends have been produced and disseminated in the country. In addition, the analysis allowed us to understand that the notions of therapy linked to constructionism are typically being associated with communication, relationship and changing the meanings of the problem, and that the reported practices were, above all, directed towards families and adults, under the influence Anderson and Goolishian's collaborative approach, Andersen's reflective processes, and White and Epston's narrative practices.

**Keywords:** therapy, social constructionism, knowledge diffusion.

## SUMÁRIO

Apresentação.....	13
1.0 – Introdução.....	16
1.1 – Alguns aspectos sobre terapia.....	17
1.2 - Situando o construcionismo social.....	22
1.3 – Sobre as terapias sensíveis ao construcionismo social.....	27
1.4 – Apresentando o objeto de pesquisa.....	32
2.0 – Método.....	35
3.0 – Resultados e discussão .....	44
3.1 - A difusão das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro.....	45
3.2 - O movimento construcionista na academia.....	53
3.3 - Que terapia é essa? .....	61
4.0 – Considerações finais.....	76
5.0 - Referências.....	79
6.0 - Anexos.....	96
Tabela 3.1 - A difusão das terapias ligadas ao construcionismo no contexto acadêmico brasileiro.....	96

	12
Tabela 3.2 – O movimento construcionista na academia.....	101
Tabela 3.3.1 – Os sentidos de terapia.....	106
Tabela 3.3.2 – A terapia na prática.....	110

## APRESENTAÇÃO

A escolha da temática desta pesquisa é, primeiramente, consequência do meu desejo e compromisso em formar-me como uma psicoterapeuta sensível à perspectiva construcionista social. No quarto ano de graduação em Psicologia, já ao final do curso, após ter conhecido diferentes perspectivas teóricas e de não ter me identificado com nenhuma delas, me encontrei no construcionismo social quando felizmente tive a oportunidade de conhecer o Prof. Dr. Emerson F. Rases, quem me introduziu alguns dos pressupostos do movimento construcionista e orientou meu trabalho de conclusão de curso. Pensar sobre o mundo a partir do viés da construção social me possibilitou compreender que tornar-se terapeuta é também um processo de construção e é neste sentido que, para mim, esta dissertação constitui parte de uma necessária formação continuada.

Além disso, este estudo foi motivado pelo meu desejo de “levar um pouco do social” do construcionismo à minha prática profissional. Em minha experiência, a clínica, muitas vezes, se mostrou como um contexto de trabalho solitário, ocupado por um grupo restrito de pessoas, e guiado pelo sigilo enquanto um princípio ético do trabalho psicoterápico. Desse modo, esta pesquisa também é consequência do meu interesse em dialogar com diferentes vozes que se mostram relacionadas às terapias sensíveis ao construcionismo social no Brasil, esperando que, a partir disso, novos discursos e possibilidades possam contribuir com a minha prática, como também com a de outras(os) terapeutas que se interessam pelo movimento construcionista.

Em parceria com o orientador da presente dissertação, o tema deste estudo foi inspirado pelo projeto proposto pelo Prof. Dr. Emerson F. Rases (UFU) em parceria com a Profa. Dra. Carla Guanaes-Lorenzi (USP-RP), chamado “A difusão do construcionismo social no Brasil”,

em que objetivou-se analisar a difusão do movimento construcionista social na comunidade brasileira de psicólogos (Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2012). Diante disso, a presente pesquisa se ocupou com a investigação da difusão do construcionismo no contexto da área clínica.

Considerando a crescente difusão do movimento construcionista em diferentes campos da Psicologia brasileira (Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2012), acreditamos ser relevante compreender como as terapias associadas ao construcionismo social atualmente se movimentam no Brasil. Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar as aproximações entre terapia e construcionismo social na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Como objetivos específicos, buscamos constituir um panorama da difusão das terapias socioconstrucionistas no atual cenário científico do país, de modo a compreender quem compõe o grupo de pesquisadoras(es) da área, assim como o que tem sido discutido entre as(os) mesmas(os). Além disso, objetivamos identificar quais versões de construcionismo social têm inspirado os estudos ligados à divulgação das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico nacional, e investigar que sentidos de terapia estão sendo construídos e divulgados pela comunidade acadêmica brasileira.

Para tal, desenvolvemos esta pesquisa qualitativa a partir de um método bibliográfico, epistemologicamente orientado pelo construcionismo social, que contemplou a análise de conteúdo (Bardin, 2016) de 26 pesquisas ligadas à divulgação das terapias sensíveis ao construcionismo no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, ou nas bibliotecas virtuais Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e/ou Scientific Electronic Library Online-Brasil (SciELO-Brasil). Os resultados da análise foram agrupados conforme suas semelhanças ou particularidades, e possibilitaram a construção dos seguintes eixos temáticos: 1) A difusão

das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro, 2) O movimento construcionista na academia, e 3) Que terapia é essa?.

Organizamos o conteúdo desta dissertação em 3 capítulos. No primeiro deles, introduziremos alguns conceitos gerais sobre terapia, construcionismo social, assim como sobre as práticas clínicas sensíveis a esse movimento. Já no segundo capítulo, ofereceremos detalhes sobre os caminhos metodológicos que orientaram esta pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo disponibilizaremos os resultados da análise e, em interlocução com a literatura da área, compartilharemos nossas interpretações sobre os mesmos.

## 1.0 - INTRODUÇÃO

O construcionismo social é um movimento intelectual, filosófico e pós-moderno que emergiu de uma série de insatisfações em relação às teorias e práticas essencialistas, assim como do desejo de transformar entendimentos e formas de estar no mundo. Uma das suas principais premissas sugere que "os termos e formas pelos quais obtemos a compreensão do mundo e de nós mesmos são artefatos sociais, produtos de intercâmbios histórica e culturalmente situados entre as pessoas" (Gergen, 1996, p.162).

O movimento construcionista se faz presente no Brasil desde o final da década de 1990, sendo principalmente utilizado entre profissionais e pesquisadoras(es) da área clínica e social (Vieira Junior, Rasesa & Guanaes-Lorenzi, 2017). Especificamente em relação ao campo da Psicologia Clínica, a perspectiva construcionista demonstra ter inspirado a construção de uma série de tendências terapêuticas (Rasesa & Japur, 2004), e pode ser considerada como uma postura teórica relevante no âmbito das psicoterapias individuais e da terapia familiar (Werneck Filho, 2012).

Tendo em vista a crescente difusão do construcionismo social em diferentes áreas da Psicologia brasileira (Rasesa & Guanaes-Lorenzi, 2012), consideramos importante compreender como as práticas clínicas sensíveis ao construcionismo atualmente se movimentam no Brasil. Para isso, direcionamos nossa atenção aos processos de produção e difusão de conhecimentos ligados a essa temática, entendendo a academia brasileira como um dos campos férteis de narrativas que colaboram para a construção, fortalecimento e divulgação das terapias socioconstrucionistas em nosso país.

Nesse sentido, esta é uma pesquisa bibliográfica que analisou um recorte do contexto acadêmico brasileiro para investigar as aproximações recentes entre terapia e construcionismo



social. Com isso, esperamos dar visibilidade às produções científicas brasileiras ligadas às terapias associadas ao construcionismo social, e colaborar para a sua expansão no campo acadêmico do país. Além disso, almejamos contribuir para a caracterização e ampliação das possibilidades clínicas sensíveis ao movimento construcionista.

### **1.1 – Alguns aspectos sobre terapia**

Primeiramente, é importante pontuar que os termos “terapia”, “psicoterapia” e “clínica” serão utilizados ao longo deste texto como sinônimos, assim como muitas vezes pode ser observado em pesquisas da área da Psicologia (Sales & Cabral, 2019; Rasera & Japur, 2006; Santos, 2005). Tal diversidade de vocabulários é um dos exemplos que demonstra a amplitude dessa área de conhecimento e atuação. Tendo isso em vista, definir terapia mostra-se como uma tarefa carregada de desafios, considerando sua estreita relação com o campo da subjetividade, assim como sua ligação com diferentes disciplinas. Além disso, a carência de estudos históricos sobre tal temática, bem como a diversidade de teorias e técnicas construídas nesse contexto ao longo dos anos, dificultam a compreensão de algum critério epistêmico ou metodológico que possa auxiliar na conceituação dessa área complexa (Rodegheri, 2011; Neubern, 2009).

Apesar dos desafios em relação à conceituação da terapia, certas(os) autoras(es) compartilham do entendimento de que tal prática consiste em um tratamento da alma ou do psiquismo (Piñero, 2003; Feixas & Miró, 1993). Partindo dessa noção, é possível afirmar que o surgimento da terapia ocorreu muito antes do nascimento da Psicologia como ciência, a partir da influência de saberes mais antigos como Religião, Magia, Filosofia e Medicina. Cada uma dessas áreas apresenta uma proposta de tratamento da alma ou do psiquismo com base

em suas concepções sobre as psicopatologias, que para algumas são de origem sobrenatural, e para outras de causa orgânica. No contexto da Psicologia Clínica, as propostas terapêuticas dependem da escola teórica com a qual o terapeuta se vincula (Vargas, 2010).

Dessa forma, as definições de psicoterapia no contexto da Psicologia são variadas. Tal variedade está ilustrada na pesquisa de Lima e Viana (2009) que contabilizou mais de 70 escolas de psicoterapia localizadas no mundo entre os anos 1950 e 2009, como também no estudo de Cordioli (2008) que, por meio da leitura de uma série de livros e artigos científicos, identificou a existência de mais de 250 descrições diferentes de psicoterapia. Por razões como essas, Roudinesco (2005) reconhece a impossibilidade de classificar tal prática de modo unificado, e considera ser mais apropriado legitimar a pluralidade de “psicoterapias” existentes.

No Brasil, as primeiras informações sobre psicoterapia encontram-se em 1900, associadas aos campos da Fisiologia e Psiquiatria. Diante desse contexto, registros científicos indicam que a Psicanálise foi a abordagem teórica mais utilizada no país no início do século 20, sendo que somente em 1921 uma nova referência foi utilizada no contexto acadêmico brasileiro, o Psicodrama. A partir de 1930, a Teoria Fenomenológica passou a ser mencionada de modo significativo no contexto científico brasileiro e, posteriormente, registros entre os anos 1951 e 1957 demonstraram a expansão das Terapias Grupais no país, sendo essas orientadas por diferentes abordagens, mas principalmente pela Psicoterapia Analítica de Grupo (Rodegheri, 2011).

Em 1969, a inauguração do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) da Universidade de São Paulo possibilitou a inclusão da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) ou Psicologia Humanista na formação de psicólogos(os), como também a expansão dessa

linha teórica no contexto acadêmico brasileiro (Rodegheri, 2011). Dentre as mudanças introduzidas pela Teoria Humanista no Brasil, está a integração das áreas de aconselhamento psicológico e orientação psicológica ao campo das práticas psicoterapêuticas (Schmidt, 2015).

Na década de 1970, a Terapia Familiar chegou ao Brasil devido a um movimento de insatisfação com os tratamentos tradicionalmente desenvolvidos em hospitais psiquiátricos, ao crescimento da Psicanálise e das teorias de grupo, bem como ao trabalho feito por assistentes sociais com famílias no país (Vogel, 2011). Reconhecida como um método terapêutico de cuidado com o grupo familiar, a Terapia de Família sofreu grande expansão em solo brasileiro durante a década de 1980, tornando-se, assim, mais acessível a diferentes profissionais e famílias (Hintz & Souza, 2009).

Já nos anos 1990, a Abordagem Cognitivo Comportamental passou a ganhar relevância no cenário científico do país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, devido à forte influência de uma tendência científica internacional. Além disso, a década de 1990 também acompanhou um considerável impulso da Gestalt Terapia no contexto acadêmico brasileiro (Rodegheri, 2011).

Nesse sentido, o século 20 consistiu em um período fértil para a ampliação das práticas terapêuticas no Brasil, tanto devido à influência de certas correntes teóricas, como também a uma série de acontecimentos históricos, sociais e políticos. Como exemplo disso, Vargas (2010) partiu de um enquadramento político para explicar a expansão das terapias não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Conforme a autora, o crescimento desse campo de conhecimento se deu a partir das Primeira e Segunda Guerras Mundiais, uma vez que tais conflitos desencadearam eventos traumáticos e provocaram um significativo aumento nos números de diagnósticos de transtornos mentais, fato que demandou a expansão dos serviços

em Psicologia e possibilitou a criação de novos referenciais teóricos ligados a essa área de conhecimento.

Outro fenômeno que pode ter colaborado para a ampliação das práticas clínicas em todo o mundo é o da pós-modernidade, período caracterizado pelo avanço das tecnologias, da globalização e do consumismo, bem como pela quebra de concepções dominantes, que fomentou a modificação de referenciais teóricos, das subjetividades, e da identidade dos sujeitos, caracterizando-se, assim, como um período de crise para a Psicologia Clínica. A partir dessa perspectiva, os tradicionais modelos de práticas clínicas já não se mostravam suficientes para abarcar a complexidade do sujeito pós-moderno que, assim como o mundo, se mostra em constante conflito e mudança. Por isso, as delimitações tradicionais da Psicologia como um todo passaram a ser questionadas, abrindo espaço para que, dessa forma, surgissem novos campos teóricos e práticos mais polissêmicos, flexíveis e articulados com o contexto social do sujeito pós-moderno (Portela, 2008; Nicolaci-da-Costa, 2004; Pereira, 2004).

Considerando especificamente a influência da política brasileira no processo de ampliação das terapias, Ferreira Neto (2010) compreende que os movimentos políticos e sociais que atravessaram o Brasil no período ditatorial militar (1964-1985) foram significativos para a transformação da Psicologia Clínica como um todo no país. Como exemplo disso, o autor menciona o movimento da Reforma Sanitária, que lutou a favor de mudanças necessárias nos contextos de saúde, possibilitando a criação dos Programas de Saúde Mental. Diante do cenário onde o coletivo tornava-se uma preocupação central, as(os) psicólogas(os) brasileiras(os) foram incentivadas(os) a reinventar seus entendimentos e modos de atuação para que, desse modo, pudessem pluralizar seus serviços e cooperar com a

redemocratização da vida da população, de modo a também alcançar pessoas com baixo poder aquisitivo.

Assim, os movimentos sociais fomentados pelas expressões da ditadura militar no Brasil influenciaram a Psicologia brasileira a romper com os chamados modelos tradicionais ou clássicos da prática clínica, caracterizados por um formato homogêneo de psicoterapia ou de psicodiagnóstico epistemologicamente sustentado por perspectivas médicas ou teorias psicanalíticas, desenvolvidos nos espaços fechados de consultórios particulares, e direcionados a pessoas com médio ou alto poder aquisitivo. Com isso, esses movimentos também possibilitaram a construção de novas perspectivas terapêuticas no Brasil, as chamadas tendências ou práticas emergentes (Féres-Carneiro & Lo Bianco, 2003; Lo Bianco & Bastos, 1994), que nos convidam a revisar certas teorias ou concepções psicológicas, a desenvolver práticas contextualizadas, sensíveis às dimensões históricas e sociais dos sujeitos e da subjetividade, bem como a expandir tais práticas para novos espaços, como para hospitais, Centros de Atenção Psicossociais e instituições (Pasini & Machado, 2012; Dutra, 2004).

Nesse sentido, notamos que a área clínica mostra-se em constante processo de construção e ampliação. Novas tendências teóricas estão sendo elaboradas e, com isso, a própria função da(o) terapeuta foi expandida. Tradicionalmente, o trabalho psicoterapêutico se concentrava no diagnóstico e no tratamento de psicopatologias, no entanto, nos dias de hoje é possível acessar uma variedade de propostas técnicas regulamentadas pelo Conselho Federal de Psicologia. Por exemplo, quando consideramos o trabalho da(o) psicoterapeuta como igual ao da(o) psicóloga(o) clínica(o) (CFP, 2013), encontramos no Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) 19 diferentes descrições a respeito das funções dessa(e) profissional. Em resumo, a(o)

psicoterapeuta ou psicóloga(o) clínica(o) é descrita(o) como profissional específica(o) da área da saúde, responsável por realizar exame, diagnóstico, acompanhamento e intervenção psicoterápica de indivíduos que apresentam problemas intra ou interpessoais, a partir do uso adequado de diferentes técnicas para cada caso, assim como de um enfoque preventivo ou curativo, podendo atuar com indivíduos ou grupos, objetivando contribuir com a inserção do ser humano em sua comunidade (CFP, 1992).

Portanto, o campo das terapias está marcado pela diversidade: de descrições, de relações teóricas, bem como de possibilidades técnicas, geográficas e políticas. Diante desse entendimento, nos deparamos com muitas formas de descrever o que é terapia e quais são seus métodos de aplicação. Neste estudo, conversaremos sobre esse campo a partir de uma orientação construcionista social.

## **1.2 – Situando o construcionismo social**

O construcionismo social é uma orientação teórica recente que se desdobrou com a pós-modernidade, e que ainda se encontra em formação. O período pós-moderno é, conforme Eagleton (1996), “uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação” (p. 3). Assim, situar o movimento construcionista na pós-modernidade significa entendê-lo como um discurso articulado com as diferentes mudanças de concepções que ocorreram no campo das ciências humanas e sociais a partir da segunda metade do século 20 (Soar Filho, 1998).

É possível afirmar que a natureza do pensamento construcionista social é multidisciplinar, uma vez que sua construção foi influenciada por uma série de disciplinas, como pelas Ciências Sociais, Filosofia, Sociologia e Linguística. No contexto da Psicologia, Burr (1995) considera que seu surgimento foi datado em 1973 com a publicação do artigo “Social psychology as history” (Psicologia Social como história), de Kenneth Gergen, que em sua produção relacionou ciência com sociedade e defendeu a noção de Psicologia como história. Contudo, Gergen parece não concordar com tal afirmação, uma vez que, conforme o autor, as raízes do construcionismo social estão localizadas nos antigos debates entre os pensamentos racionalistas e empiristas, nutridas por uma dúvida radical em relação às convicções tradicionalmente aceitas pela sociedade sem questionamento (Gergen, 2009a).

Definir o construcionismo social é uma missão carregada de desafios, visto que as descrições dessa perspectiva não se mostram consensuais entre as(os) autoras(es) da área. Ao passo que certas(os) pensadoras(es) consideram o construcionismo social como um movimento, outras(os) entendem que as(os) intelectuais ligados a essa perspectiva somente apresentam semelhanças familiares entre si, e há também quem desconsidere sua validade no contexto da Psicologia, conforme já discutido por Rasesa e Japur (2005a). Assim, não há um conceito único e totalmente consensual do que vem a ser o construcionismo social, mas, ao contrário, nota-se que diferentes tendências construcionistas estão sendo produzidas pela literatura da área. Como exemplo disso, vemos que ao mesmo tempo em que Gergen (1997) buscava oferecer explicações abrangentes sobre a epistemologia construcionista, Danziger (1997) se preocupava em diferenciar o construcionismo social entre ‘light’ e ‘dark constructionism’.

Apesar das particularidades de cada perspectiva construcionista social, algumas ênfases são compartilhadas entre autoras(es) da área, como a implicação com uma postura crítica e reflexiva, a valorização das relações sociais e das especificidades históricas e culturais nos processos de conhecimento, bem como a ligação desse último com as ações humanas (Rasera & Japur, 2005a). Além disso, as concepções construcionistas ressaltam a importância da linguagem nos processos de construção de significados, por ser vista não apenas como um veículo para expressar pensamentos, mas também como condição para a construção de realidades (Werneck Filho, 2012; Rezende, 2011).

De acordo com Gergen (2009b), algumas das premissas do pensamento construcionista social são: 1) nossos entendimentos de mundo consistem em construções sociais; 2) nossos entendimentos de mundo são heranças históricas advindas de trocas sociais; 3) a forma como um certo entendimento se desdobra ao longo do tempo não está necessariamente relacionada a sua eficácia empírica, mas à variabilidade dos processos sociais; e 4) as negociações de entendimentos são de grande importância para a vida em sociedade, visto que estão inteiramente ligadas às ações humanas.

Nesse sentido, as propostas construcionistas rompem com a objetividade dos pensamentos racionalistas tradicionais e, dessa forma, abrem espaço para a construção de entendimentos alternativos. Por essa razão, o construcionismo social se mostra como um “desafio significativo à compreensão convencional” (Gergen, 2009a, p. 299). No campo da Psicologia, tais propostas diferenciam-se das tradicionais abordagens da área uma vez que, conforme Burr (1995), o construcionismo social:

- 1) Assume uma postura não-essencialista radical, no sentido de negar qualquer explicação de natureza única e pré-estabelecida;



- 2) Não acredita em uma realidade única e objetiva, mas sim em diferentes olhares do que vem a ser realidade;
- 3) Compreende que todo conhecimento é construído por especificidades históricas e culturais e, nesse sentido, se preocupa em analisar a história das atuais formas de comportamentos e práticas sociais;
- 4) Entende a linguagem como pré-condição para o pensamento, considerando que os significados de mundo são construídos, reproduzidos e ensinados através do uso cotidiano de uma mesma língua;
- 5) Considera a linguagem como uma forma de ação social, um modo de construir o mundo onde vivemos, e não como veículo passivo utilizado apenas para expressar emoções e pensamentos;
- 6) Direciona seu olhar para as interações e práticas sociais, sem a intenção de alcançar respostas individualistas sobre os fenômenos;
- 7) Não acredita em explicações estáticas do que vem a ser Psicologia ou o ser humano, mas em processos mutantes que se dão a partir das interações sociais.

Dessa forma, a adoção plena de uma postura construcionista social demanda o esforço de desfamiliarizar-se das dicotomias cristalizadas em nossa cultura, tendo em vista que, para o construcionismo social, a verdade não existe por si só, mas é construída socialmente a partir dos critérios de verdade privilegiados em determinados contextos. Contudo, esse olhar sugerido pelo movimento construcionista não implica em abandonar nossos entendimentos sobre o que é verdade ou mentira no sentido de não poder diferenciá-los ou de ter opinião sobre eles, mas implica em perceber esses conceitos como entendimentos relativos a nós

mesmos, considerando que “conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem em suas cabeças, e sim algo que constroem juntas” (Spink & Frezza, 2013, p. 10).

O construcionismo social também provocou mudanças importantes no modo de se entender e de se fazer ciência. Conforme Rasera e Japur (2005a), as propostas construcionistas criticam as formas tradicionais de produção de conhecimento, e sugerem práticas científicas comprometidas com a cultura e com a ampliação dos vocabulários. Diferente da ciência tradicional, a investigação orientada pelo construcionismo não visa alcançar respostas universais, totalitárias ou incontestáveis, tampouco busca convencer a leitora ou o leitor sobre uma única interpretação correta dos fenômenos, mas se preocupa em descrever os processos por meio dos quais as pessoas atribuem sentido ao mundo em que vivem, bem como em alargar possibilidades de entendimentos (Galbin, 2014; Gergen, 1992). Além disso, a pesquisa construcionista busca desvelar os motivos pelos quais existem determinadas práticas sociais a partir da investigação das suas origens, propagações, mudanças e corroborações (Sanches-Justo, Ferreira, Vasconcelos & Justo, 2010).

O construcionismo social também possibilitou mudanças recentes no campo das práticas clínicas (Werneck Filho, 2012; Rasera & Japur, 2004). Suas ideias sugerem descrições inovadoras sobre o processo terapêutico e a postura da(o) terapeuta. Dentro de uma perspectiva construcionista social, o encontro terapêutico não se resume à aplicação de técnicas psicológicas, pois também depende de uma mudança pessoal da(o) terapeuta rumo a uma postura filosófica e à capacidade de facilitar diálogos transformadores (Lenzi, 2015). Interessados em aprofundar a investigação sobre esse tema, discorreremos, a seguir, a respeito dessa temática de modo a contextualizar suas principais características e propostas.

### **1.3 – Sobre as terapias sensíveis ao construcionismo social**

O discurso construcionista social se aproximou do campo da terapia nas décadas de 1980 e 1990, quando grupos de terapeutas familiares buscavam justificar e sustentar novas práticas terapêuticas a partir das propostas desse movimento, tais como a Abordagem Colaborativa de Anderson (1997) e os Processos Reflexivos de Andersen (1999). Além disso, algumas abordagens contemporâneas que não foram originalmente nomeadas como construcionistas, mas que se mostram associadas a essa perspectiva de alguma forma, como a Terapia Narrativa de White e Epston (1990) e a Terapia Focada na Solução de Shazer (1994), também contribuíram para a aproximação entre o construcionismo social e as práticas clínicas (Martins, Santos & Rasera, 2013).

Conforme Rasera e Guanaes-Lorenzi (2012), é possível considerar que os estudos construcionistas sociais ligados à terapia passaram a ser divulgados no Brasil a partir da tradução da obra “A terapia como construção social” (McNamee & Gergen, 1992) para o português no ano de 1998. Nesta produção, os autores sugerem práticas terapêuticas baseadas no entendimento de terapia como construção social, e propõem que toda conversa constrói sentidos que repercutem em ações. Diante dessa compreensão, McNamee e Gergen (1998) afirmam que o principal objetivo da terapia ligada ao construcionismo social está em desenvolver diálogos e reflexões que possibilitem o compartilhamento de diferentes pontos de vista e que, por consequência, promovam novas possibilidades de ação aos sujeitos.

Conforme Gergen e Warhuus (2001), compreender terapia como construção social é uma importante mudança ideológica que possibilita novas formas a este campo de atuação. Diante desse contexto, as(os) psicólogas(os) construcionistas sociais são influenciadas(os) por uma postura terapêutica diferente das tradicionais, envolvida pelos seguintes aspectos:

- 1) Flexibilidade com os fundamentos racionais do conhecimento em função da abertura à multiplicidade de descrições;
- 2) Comprometimento com explicações não-essencialistas, visto que todo conhecimento é considerado como uma construção social;
- 3) Exploração dos conhecimentos através de uma orientação colaborativa, visando distanciar-se de um possível papel de especialista;
- 4) Engajamento com valores ideológicos, políticos e éticos, representando um modo de ativismo social.

Buscando compreender as formas pelas quais o construcionismo social se faz presente no campo das psicoterapias, Rasera e Japur (2004), baseados em Gergen e Warhuus (2001), discorrem sobre sete ênfases construcionistas que influenciam a prática clínica, sendo essas:

- 1) Foco no significado: a(o) terapeuta volta sua investigação para as formas particulares pelas quais as pessoas se constroem nas relações e nos significados que direcionam seus modos de viver;
- 2) Terapia como co-construção: com o propósito de colaborar com a construção de conversas que produzam novos sentidos, a(o) terapeuta questiona a utilidade do seu discurso e abandona uma postura de especialista, dando um maior valor ao vocabulário e aos significados apresentados pela(o) cliente;
- 3) Foco no relacionamento: a(o) terapeuta busca compreender as questões levantadas pela(o) cliente a partir da investigação das relações sociais nas quais participa e constrói significados;

- 4) Sensível a valores: a(o) terapeuta acredita que a relação terapêutica se sustenta em certos valores, sendo que esses mesmos influenciam o processo de construção de sentidos no contexto psicoterápico;
- 5) Ênfase polivocal: em oposição às definições unificadas de realidade e de *self*, a(o) terapeuta busca por diferentes modos de explicar um problema, como também considera a existência de diversos *selves* em uma pessoa conforme os relacionamentos nos quais ela se envolve;
- 6) Foco na ação: a(o) terapeuta se importa com os discursos que são construídos dentro ou fora do processo terapêutico, bem como com as ações que resultam desse mesmo;
- 7) Atenção às potencialidades: a(o) terapeuta através do diálogo busca enfatizar as potencialidades da(o) cliente, assim como suas possibilidades de construir realidades futuras.

Outra característica que se mostra importante ao campo das terapias influenciadas pelo construcionismo social é a da transformação. Conforme Alum e Imaz (2017), a terapia construcionista pode ser considerada como um processo conversacional no qual as mudanças são “a essência e a razão dos encontros” (p. 347), mudanças essas que são possibilitadas pelas trocas de significados entre a(o) terapeuta e a(o) cliente, que em conjunto atingem uma profundidade de conhecimentos que não seria possível individualmente.

A partir dessa visão, o papel da(o) terapeuta construcionista social consiste em escutar a narrativa da(o) cliente, e explorar nela tudo o que dá sentido à fala da(o) mesma(o), buscando oferecer visibilidade ao seu universo existencial, assim como promover a ressignificação de entendimentos. Para tal, a(o) terapeuta elabora perguntas, realiza

comentários e promove ações baseada(o) em seus conhecimentos e experiências (Alum & Imaz, 2017).

Martins e Arantes (2020) também consideram a transformação como um fenômeno importante ao contexto das práticas clínicas. Partindo da perspectiva construcionista social, os autores afirmam que ser uma boa ou um bom terapeuta significa ter competência para construir e apoiar diálogos transformadores. Para tal, sugere-se que a(o) terapeuta vivencie o encontro terapêutico como uma experiência de tensões produtivas, em que mudanças são produzidas através de diferenças significativas sobre o que é conversado ou sobre como isso é feito. Assim, tanto a(o) cliente como a(o) terapeuta devem sair diferentes da conversa terapêutica. Contudo, os autores destacam que o sucesso da terapia não se dá apenas a partir da mudança, pois todo processo terapêutico é complexo.

Buscando abrir oportunidades para diálogos transformadores, McNamee (2001) sugere quatro recursos relacionais que também podem ser úteis no contexto de uma prática terapêutica inspirada pelo construcionismo social:

- 1) Outros internalizados: compreendendo que todo sujeito carrega consigo as vozes de outros indivíduos, a(o) terapeuta sensível ao construcionismo social busca explorar uma variedade de vozes que se fazem presentes no discurso da(o) cliente na intenção de colaborar com a construção de sentidos próprios de multiplicidade, e com a descoberta de diferentes formas de movimentar-se dentro de suas identidades. Assim, alguns questionamentos podem orientar tal investigação, como “quem está falando e agindo aqui?”, “que vozes não estamos ouvindo?” ou “por que essa voz se mostra dominante em sua fala?”;

- 2) Relações conjuntas: considerando a interdependência de pessoas nos processos de construção de si mesmo e do mundo, a(o) terapeuta construcionista se preocupa em compreender como são construídos contextos particulares onde certas ações são ou não privilegiadas;
- 3) Invocando realidades de grupos: na prática terapêutica orientada pela perspectiva construcionista social, o foco direcionado às relações se estende aos grupos e às instituições, considerando que esses podem influenciar nossas trocas imediatas, assim como alargar as possibilidades de negociações de sentidos;
- 4) Entrando em processos sistêmicos: pensando que o mundo não é feito de unidades isoladas, e que a relação entre tais unidades não se dá por conta própria, a(o) terapeuta construcionista social é incentivada(o) a explorar discursos, buscando dar luz a vozes alternativas, até mesmo às que não se mostram relacionadas, e a multiplicar recursos para o trabalho terapêutico.

Nesse sentido, é possível notar que a perspectiva construcionista social alterou alguns entendimentos importantes sobre a função da terapia e o papel da(o) terapeuta. Além disso, as propostas construcionistas movimentaram mudanças em relação à compreensão de conceitos comuns à área clínica, como, por exemplo, o conceito de *self*, que foi reformulado pelas ideias de Gergen devido às suas críticas sobre as noções de um “Eu” essencialista, realista, individual e inflexível. Esse autor propõe a concepção de *self* como um discurso ou uma descrição social e narrativa, e considera ser possível conhecê-lo a partir da investigação das suas descrições históricas e culturais (Rasera, Guanaes & Japur, 2004). Dessa forma, o *self*, hoje, pode ser entendido como uma construção social, fruto de discursos sociais sobre a

identidade das pessoas, e da aceitação das mesmas frente a essas descrições como sendo essencialmente suas (Lenzi, 2015).

Portanto, consideramos que não há um jeito único de definir o que seria a terapia de sensibilidade construcionista social, pois a mesma está aberta à multiplicidade de descrições, e se mostra em constante desenvolvimento ao longo de sua história. Conscientes disso, não buscamos definir o que “é” a terapia construcionista social, mas sim explorar os diferentes modos de aproximação entre essa área e o construcionismo social com base nos seguintes questionamentos: como as terapias ligadas ao construcionismo têm sido divulgadas no contexto acadêmico brasileiro? A partir de quais pesquisas, autoras(es) e objetivos? Quais versões de construcionismo social têm inspirado esses estudos? Que sentidos de terapia se mostram decorrentes dessa perspectiva? Procuramos explorar essas questões a partir dos objetivos que apresentaremos a seguir.

#### **1.4 - Apresentando o objeto de pesquisa**

Considerando relevante compreender como as práticas clínicas associadas ao construcionismo social atualmente se movimentam no Brasil, esta pesquisa buscou investigar os processos de produção e difusão de conhecimentos ligados a essa temática a partir de um recorte do contexto acadêmico brasileiro, compreendendo o mesmo como um espaço permeado de narrativas que contribuem para a construção, fortalecimento e difusão das terapias de sensibilidade construcionista em nosso país.

É importante esclarecer que o termo “contexto acadêmico” foi utilizado ao longo desta dissertação para se referir especificamente ao campo das pesquisas científicas. No entanto, sabemos que o campo acadêmico brasileiro é multifacetado e que, nesse sentido, não se limita



à esfera das publicações científicas. Por essa razão, reconhecemos que o presente estudo conversou com um dos muitos recortes possíveis do cenário científico brasileiro.

Tendo isso em vista, os objetivos deste estudo são:

**a) Objetivo geral:** analisar as aproximações entre terapia e construcionismo social na atualidade do contexto acadêmico brasileiro.

**b) Objetivos específicos:**

- Constituir um panorama da difusão das terapias socioconstrucionistas no atual cenário científico do país, de modo a compreender quem compõe o grupo de autoras(es) da área, assim como o que tem sido discutido entre as(os) mesmas(os);
- Identificar quais versões de construcionismo social têm inspirado os estudos ligados à divulgação das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico nacional;
- Investigar que sentidos de terapia estão sendo construídos e divulgados pela comunidade acadêmica brasileira.

Considerando que o discurso construcionista social ainda se mostra predominantemente ligado à literatura estrangeira (Rasera, Taverniers & Álvarez, 2017), pensamos que esta pesquisa se mostra relevante na medida em que, a partir da constituição de um panorama da difusão das terapias ligadas ao construcionismo social no recorte do contexto acadêmico explorado, oferece visibilidade às publicações nacionais ligadas a essa temática, podendo colaborar com a expansão das ideias construcionistas entre a comunidade de terapeutas e psicólogos brasileiros.

Além disso, acreditamos que o presente estudo também se mostra relevante pelo motivo de oferecer alguns contornos ou direcionamentos para o campo das práticas clínicas sensíveis ao construcionismo social, visto que o mesmo se mostra permeado por diferentes perspectivas e em constante movimento. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a caracterização de algumas práticas clínicas ligadas ao construcionismo social, bem como para a ampliação dessas mesmas no cenário acadêmico do país.

## 2.0 - MÉTODO

Esta é uma pesquisa bibliográfica integrativa, situada no campo dos estudos qualitativos, interessada em explorar as aproximações recentes entre construcionismo social e terapia no contexto acadêmico brasileiro.

O estudo qualitativo, conforme Bodgan e Biklen (1994), se importa com a investigação das particularidades e com a descrição de significados que permeiam os contextos e as práticas do cotidiano. Através de uma visão abrangente, as (os) pesquisadoras(es) qualitativas(os) seleciona os dados que lhe parecem mais relevantes e, então, os analisa em um processo que começa amplo e aos poucos se torna específico, desenvolvendo-se em um formato semelhante ao de um funil. No contexto dos estudos bibliográficos, tais pesquisadoras(es) buscam compreender e analisar criticamente os significados presentes nas fontes investigadas (Lima & Miotto, 2007).

A pesquisa bibliográfica se desenvolve exclusivamente a partir da exploração de materiais já elaborados, e se mostra especialmente vantajosa para estudos interessados em investigar fatos passados ou fenômenos amplos que dificilmente poderiam ser observados de modo direto devido à dispersão de seus dados pelo tempo e/ou espaço (Gil, 2002). Neste estudo, optamos por pesquisar sobre a divulgação das terapias socioconstrucionistas a partir de uma revisão bibliográfica integrativa, método que possibilita a sintetização e a análise crítica das propriedades empíricas e teóricas de um material (Souza, Silva & Barros, 2021).

Segundo Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica vai além da simples revisão das fontes bibliográficas, uma vez que imprime sobre elas uma compreensão teórica e crítica acerca dos significados presentes nos dados analisados. Para tal, as(os) pesquisadoras(es) fazem uso de um desenho metodológico circular, que flexibiliza o processo de apreensão dos

dados no sentido de permitir a revisão de materiais quando necessário. Entretanto, essa flexibilização não facilita a pesquisa bibliográfica, mas, pelo contrário, exige maior disciplina e atenção por parte das(os) pesquisadoras(es), que participa de um movimento incansável de revisão das leituras, dos questionamentos, dos objetivos e das etapas do estudo.

Epistemologicamente, este estudo foi orientado pelo construcionismo social, alternativa teórica que sugere a revisão dos pensamentos modernos sobre ciência. Partindo da perspectiva de produção de conhecimentos como prática social, a pesquisa tradicional, ou seja, a pesquisa baseada em conhecimentos objetivos e em procedimentos empíricos que buscam revelar as “verdades” do mundo, se mostra como uma opção discursiva em meio a outros discursos possíveis. Diferente da ciência positivista, a pesquisa construcionista não se preocupa em descobrir os fenômenos ditos como verdadeiros, mas sim em investigar os diferentes processos de comunicação, entendendo que os mesmos são responsáveis por construir as realidades nas quais vivemos (McNamee, 2010).

Uma das formas de investigação dos processos de comunicação ocorre por meio da análise de textos, visto que os mesmos, conforme Gergen (1997), podem ser considerados meios de comunicação humana. Pensando nisso, acreditamos que a pesquisa bibliográfica, enquanto um método que se propõe a reunir e a analisar uma série de produções textuais, oferece caminhos potentes para uma investigação de sensibilidade construcionista social. Sendo assim, neste estudo optamos por investigar as aproximações recentes entre construcionismo social e terapia com base em uma pesquisa bibliográfica que contemplou a análise de um recorte dos discursos ligados à divulgação das terapias socioconstrucionistas na atualidade do contexto acadêmico brasileiro.

Desse modo, o *corpus* deste estudo bibliográfico foi constituído por 26 pesquisas relacionadas ao assunto das terapias sensíveis ao construcionismo social, que foram publicadas entre janeiro de 2010 a junho de 2021 no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, ou nas bibliotecas virtuais Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e/ou Scientific Electronic Library Online-Brasil (SciELO-Brasil). A coleta dos dados ocorreu das seguintes formas:

1) A coleta de dados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES: foram coletadas três dissertações de mestrado e duas teses de doutorado que se mostraram associadas à palavra ‘construcionismo’ no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e relacionadas à temática das terapias sensíveis ao construcionismo social entre os anos de 2010 a 2021. A princípio, o período para a demarcação da coleta de dados foi de janeiro de 2010 a dezembro de 2019, por ter sido escolhido no início deste estudo, em agosto de 2019, com a intenção de alcançar as produções científicas publicadas no Brasil na última década. Assim, em 8 de agosto de 2020, uma primeira busca pela palavra ‘construcionismo’ na base de dados da CAPES resultou em 464 estudos associados ao termo em questão. Em seguida, refinando os resultados conforme o ano de publicação e a área de conhecimento de modo a selecionar apenas as pesquisas publicadas entre 2010 e 2019 que se enquadraram nas áreas ‘Psicologia’ ou ‘Tratamento e Prevenção Psicológica’, os resultados previamente obtidos reduziram para 104. A partir de uma leitura preliminar dos títulos e resumos das publicações alcançadas, coletamos apenas as referências que em seu título, resumo e/ou palavras-chaves continham as palavras “terapia”, “psicoterapia”, “terapêutica”, “terapêutico”, “terapeuta” e/ou “clínica”, o que levou à seleção de 19 publicações. Com base em uma primeira leitura das mesmas, consideramos cinco como pertinentes ao tema de interesse desta pesquisa, seja pelo motivo de tratarem a temática da

terapia como assunto central do estudo, ou devido às suas propostas de investigação e intervenção em saúde mental. As demais publicações foram desconsideradas por não darem foco ao assunto terapia, mas a temáticas relacionadas à Assistência Social, Psicologia Social, graduação em Psicologia ou a outras práticas ligadas à Saúde Pública. Quase um ano depois, em 4 de julho de 2021, refazendo os procedimentos anteriores de busca com a intenção de incluir as pesquisas publicadas entre 2020 e junho de 2021, foi possível identificar 481 publicações ligadas ao termo ‘construcionismo’, no entanto, identificamos apenas uma pesquisa publicada em 2020 que utilizou a palavra “terapêutico” em seu título, resumo e palavras-chaves, mas que não discorreu sobre terapia e, por isso, não foi selecionada. Por fim, é importante mencionar que conhecemos uma pesquisa que poderia ter sido integrada ao conjunto de dados como pesquisa relacionada ao tema da terapia familiar, mas que não apareceu nos resultados após o refinamento da busca por um problema não identificado no próprio sistema da base de dados da CAPES (Biagi, 2012). Assim, reconhecemos que existem mais do que seis pesquisas de pós-graduação interessadas pela temática das terapias sensíveis ao construcionismo social no Brasil, e que, nesse sentido, o processo de coleta de dados deste estudo possui limitações.

2) A coleta de dados na base de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC): foram coletados 17 artigos ligados à divulgação das terapias sensíveis ao construcionismo social na PePSIC entre os anos de 2010 a 2021. Em 8 de agosto de 2020, uma primeira procura pela palavra ‘construcionismo’ no campo de busca juntamente com a seleção da opção “todos os índices” resultou em 76 artigos. Selecionando apenas os artigos publicados entre janeiro de 2010 e dezembro de 2019 a partir do filtro “ano de publicação”, restaram 54 artigos. Com uma primeira leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves das pesquisas em questão, 20

foram selecionadas pelo motivo de utilizarem as palavras “terapia”, “psicoterapia”, “terapêutica”, “terapêutico”, “terapeuta” e/ou “clínica”. A partir de uma primeira leitura de cada um dos 20 artigos, 15 deles foram considerados pertinentes ao interesse de estudo desta dissertação pela razão de discorrerem sobre terapia, psicoterapia, terapeuta, performance terapêutica ou alternativas terapêuticas, enquanto que um foi descartado pelo motivo de não ter sido realizado no Brasil, e quatro foram descartados por não discorrerem sobre terapia, mas sobre Psicologia Educacional, serviços de Saúde Mental associados à Justiça Penal ou sobre os sentidos de fumar para mulheres participantes de grupo de tabagistas. Repetindo os procedimentos de busca pelos dados em 4 de julho de 2021 com o propósito de atualizar os dados para a análise, foi possível identificar 72 publicações associadas ao termo ‘construcionismo’ entre janeiro de 2010 e junho de 2021. Dentre elas, identificamos duas referências de 2020 que mencionaram as palavras ‘terapia’ e ‘clínica’ em seu título, resumo e/ou palavras-chave, e que se mostraram relacionadas ao tema de interesse deste estudo.

3) A coleta de dados na base de dados Scientific Electronic Library Online-Brasil (SciELO-Brasil): foram coletados quatro artigos associados à palavra ‘construcionismo’ na SciELO-Brasil. Uma primeira busca pela palavra ‘construcionismo’ no campo de busca do site em 8 de agosto de 2020 resultou em 169 artigos. Filtrando os artigos publicados no Brasil, o resultado inicial reduziu para 114. Com a filtragem das publicações realizadas entre os anos de 2010 e 2019, bem como daqueles que estavam enquadrados nas categorias de assunto “psychology, multidisciplinary” (Psicologia multidisciplinar), “psychology” (Psicologia), “psychology, applied” (Psicologia aplicada) e “psychology, clinical” (Psicologia clínica), os resultados reduziram para 29. Lendo os títulos, resumos e palavras-chaves de cada um dos 29 artigos em questão, selecionamos oito pesquisas que mencionaram as palavras “terapia”,

“psicoterapia”, “terapêutica”, “terapêutico”, “terapeuta” e/ou “clínica”. Desses oito artigos, um foi desconsiderado por já ter sido selecionado na PePSIC, e outro por não discorrer especificamente sobre terapia. Assim, a partir da leitura dos seis artigos restantes, foi possível selecionar quatro pesquisas que se mostraram pertinentes à temática de interesse deste estudo por discorrerem sobre terapia, aconselhamento psicológico e Psicologia Clínica, enquanto que um artigo foi descartado pelo motivo de voltar seu estudo para a investigação de uma diversidade de profissionais da saúde, e não especificamente para a investigação da temática das terapias ligadas ao construcionismo social. Atualizando a coleta de dados em 4 de julho de 2021, uma segunda busca pela palavra ‘construcionismo’ no campo de busca do site em questão, selecionando os artigos publicados entre janeiro de 2010 e junho de 2021, bem como aqueles relacionados às áreas temáticas ‘Psicologia’ e ‘Clinical’, resultou em 43 referências, contudo, nenhuma publicação nova foi adicionada ao conjunto de dados, uma vez que as mesmas não utilizaram as palavras “terapia”, “psicoterapia”, “terapêutica”, “terapêutico”, “terapeuta” e/ou “clínica” em seus títulos, resumos e/ou palavras-chaves, mostrando-se relacionadas a outros assuntos<sup>1</sup>.

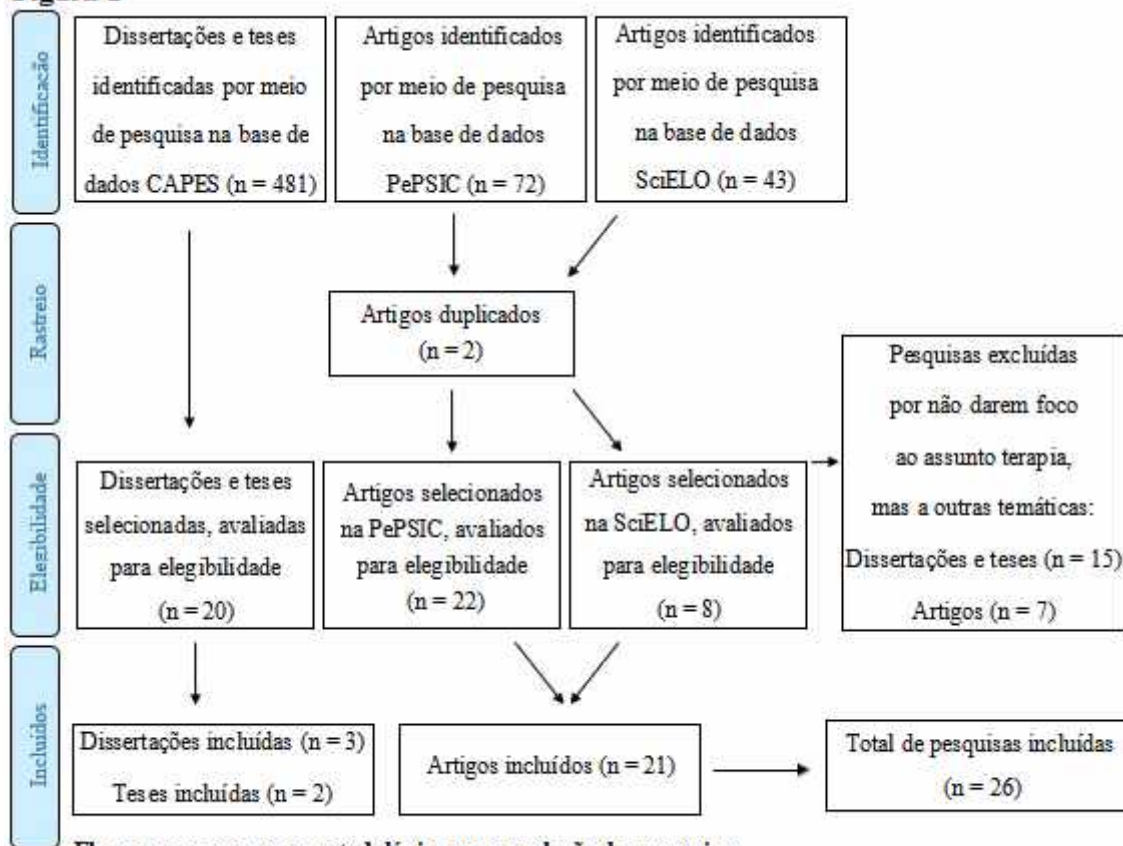
O fluxograma do processo de levantamento e seleção de material pode ser observado a seguir:

---

<sup>1</sup>Na base de dados SciELO-Brasil, o campo “categorias de assunto”, utilizado como filtro para a busca dos dados em 2020, atualmente é chamado de “áreas temáticas”.



Figura 1



**Fluxograma: esquema metodológico para a seleção das pesquisas.**

Fonte: Elaboração própria.

Para analisar o material coletado, nos baseamos na metodologia da análise de conteúdo de Bardin (2016), também conhecida como análise temática. De acordo com a autora, esse tipo análise visa investigar os sentidos de uma comunicação cuja presença ou frequência de aparição nos textos analisados podem contribuir com o objetivo das(os) pesquisadoras(es). Para tal, a análise de conteúdo se organiza em torno de três fases: a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento, inferência e interpretação dos resultados.

Segundo Bardin (2016), a fase da pré-análise consiste no momento de organização do material coletado, na qual busca-se sistematizar os pensamentos iniciais que irão conduzir as próximas operações da análise. Nesse período, realiza-se uma primeira leitura da bibliografia coletada, abrindo-se para as primeiras impressões do material em questão. A partir disso, é

preciso demarcar o gênero dos materiais que serão analisados, escolher tais documentos e, assim, constituir um *corpus* com base em algumas regras. Nesta pesquisa, selecionamos materiais que oferecem informações relativas às diferentes formas de aproximação entre terapia e construcionismo social na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Para constituir o *corpus* do presente estudo da maneira como já detalhamos anteriormente, nos pautamos na regra da homogeneidade, que nos direcionou a escolher e a obedecer critérios claros de seleção dos materiais de análise, bem como na regra da pertinência, que nos orientou a coletar documentos que se mostraram adequados para responder aos objetivos aqui propostos.

Ainda em relação à pré-análise, é necessário realizar a referenciação dos índices e elaborar os indicadores. Para Bardin (2016), os índices são temas que aparecem de forma evidente em mensagens no processo de análise dos textos. Quando escolhidos, os mesmos devem ser sistematicamente organizados em indicadores precisos que possam sustentar hipóteses ou, no caso desta pesquisa, responder aos objetivos do estudo. Feito isso, o material deve ser preparado para o início da análise propriamente dita. Neste estudo, a preparação dos dados ocorreu através do recorte de trechos dos textos que revelavam índices e indicadores, ou seja, informações que nos permitiriam responder aos objetivos específicos deste estudo, assim como constituir um panorama da divulgação das terapias sensíveis ao construcionismo social na atualidade do contexto acadêmico brasileiro investigado.

Já a fase de exploração do material corresponde a uma longa etapa de codificação dos dados coletados que efetiva as escolhas da pré-análise. Segundo Bardin (2016), a codificação consiste no processo de transformação dos dados brutos do texto em unidades de análise por meio de recortes, enumerações, agregações e classificações. Nesta pesquisa, a codificação dos

dados coletados ocorreu com base nos índices e indicadores previamente recortados na pré-análise, que aqui foram enumerados por temas, aglutinados de acordo com suas semelhanças ou particularidades, e classificados em categorias temáticas ligadas aos assuntos mais presentes em todo o conjunto de dados. A partir disso, reduzimos o número dos textos recortados para, no máximo, dois trechos por publicação, os quais foram escolhidos por oferecerem descrições pertinentes e claras dos conteúdos a serem analisados, com o propósito de organizar e viabilizar o processo analítico.

Finalmente, a fase do tratamento e da interpretação dos dados, no caso dos estudos qualitativos, ocorre principalmente a partir de inferências na presença dos índices, ou seja, de interpretações sobre assuntos que se mostram evidentemente presentes em mensagens ao longo dos textos (Bardin, 2016). Assim, o tratamento dos resultados deste estudo se deu por meio da releitura e reavaliação dos índices, indicadores e unidades de análise selecionados, bem como das interpretações já produzidas.

Feito isso, os resultados da análise desta pesquisa foram organizados em 3 eixos temáticos diferentes, sendo esses: 1) A difusão das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro, 2) O movimento construcionista na academia; 3) Que terapia é essa?. A seguir, tais resultados serão apresentados em interlocução com uma discussão crítica sobre os conteúdos abordados.

### **3.0 – RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da leitura da bibliografia levantada, realizamos uma análise de conteúdo que contemplou três eixos temáticos, os quais serão apresentados a seguir em interlocução com nossas impressões analíticas e com a literatura da área.

Os resultados do primeiro eixo de análise se encontram na seção 3.1 – A difusão das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro. Nele, oferecemos um panorama das características da difusão das terapias sensíveis ao construcionismo na atualidade do campo acadêmico brasileiro, incluindo informações pertinentes à comunidade de pesquisadoras(es) da área, bem como ao que tem sido discutido entre ela.

O segundo eixo de análise situa-se na seção 3.2 – O movimento construcionista na academia, onde buscamos identificar quais versões de construcionismo social têm inspirado os estudos ligados à divulgação das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico nacional, tanto por meio de uma investigação dos referenciais teóricos que influenciaram essas pesquisas, como através de uma análise dos conceitos que descreveram o movimento construcionista social.

Finalmente, os resultados do terceiro eixo temático foram disponibilizados na seção 3.3 – Que terapia é essa?. Mirando para certas feições teóricas e práticas da clínica de sensibilidade construcionista, foi possível identificar alguns dos sentidos que as terapias ligadas ao construcionismo social carregam na atualidade do contexto acadêmico do país.

Antes de dar início à análise propriamente dita, é importante destacar que os resultados que disponibilizaremos a seguir não são capazes de revelar a “Verdade Transcendental” sobre as terapias ligadas ao construcionismo social, uma vez que, com base num olhar construcionista, a verdade pode ser entendida como uma construção social ligada ao que

tradicionalmente é valorizado pelas pessoas (Gergen & Gergen, 2010). Nesse sentido, a presente análise trará informações com base no que foi considerado importante pelos autores deste estudo, assim como possível de ser investigado pelos mesmos durante o tempo da pesquisa. Por isso, não pretendemos definir o que “é” a terapia socioconstrucionista na academia brasileira, mas sim oferecer uma pluralidade de descrições sobre como essa mesma pode ser entendida.

### **3.1 – A difusão das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro**

Objetivando constituir um panorama da difusão das terapias socioconstrucionistas no atual cenário científico do país, de modo a compreender quem compõe o grupo de autoras(es) da área, assim como o que tem sido discutido entre as(os) mesmas(os), buscamos investigar o período de publicação de cada estudo levantado, o nome e a formação das suas autoras e autores, o nome das universidades e das revistas vinculadas a essas publicações, bem como os objetivos gerais das mesmas. Tais resultados foram transpassados para uma tabela que nos permitiu compará-los e agrupá-los de acordo com suas semelhanças ou particularidades, e constituir uma visão abrangente sobre o tema analisado. Essas informações foram sintetizadas para o melhor entendimento da leitora ou leitor, e estão disponíveis na parte de Anexos deste trabalho, na Tabela 3.1 - A difusão das terapias ligadas ao construcionismo no contexto acadêmico brasileiro (p. 96).

Referente à análise do período de publicação das pesquisas coletadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, bem como nas bases de dados SciELO e PePSIC, identificamos 26 pesquisas ligadas à difusão das terapias socioconstrucionistas na atualidade

contexto acadêmico brasileiro, as quais estiveram distribuídas entre os anos de 2010 a 2021 da seguinte forma: 2010 (2), 2011 (0), 2012 (1), 2013 (3), 2014 (1), 2015 (2), 2016 (1), 2017 (5), 2018 (5), 2019 (4), 2020 (2), 2021 (0). Dessa forma, constatamos que o número de pesquisas publicadas entre o período investigado variou entre zero e cinco por ano, tendo sido possível notar uma pequena predominância de publicações entre os anos 2017 e 2018.

Assim, os resultados da presente análise indicaram que o tema das terapias ligadas ao construcionismo social tem sido pouco divulgado no meio acadêmico investigado, especialmente no que se refere ao contexto das pesquisas de pós-graduação. Consideramos que um dos principais motivos para isso se liga ao fato de que o movimento construcionista está dando seus primeiros passos em solo brasileiro (Rasera & Japur, 2005a) e, nesse sentido, ainda se mostra pouco popular no país em comparação a outras abordagens mais tradicionais da Psicologia Clínica, como, por exemplo, a Psicanálise e a Terapia Cognitivo Comportamental. Agravando esse cenário, observamos que poucos periódicos brasileiros são especificamente voltados para a difusão do construcionismo social, e que a divulgação das terapias associadas a esse movimento intelectual no contexto acadêmico do país está principalmente concentrada em um grupo restrito de autoras(es), conforme discutiremos de modo aprofundado adiante.

Para além disso, entendemos que algumas das feições da pesquisa socioconstrucionista, tais como a crítica à autoridade científica, a luta pela democratização da produção de conhecimento e a assunção de uma postura não neutra, podem trazer desafios para a relação da pesquisadora ou pesquisador construcionista com o “outro-instituições”, como, por exemplo, com avaliadores e pareceristas de diferentes linhas teórico-metodológicas (Rasera, Guanaes-Lorenzi & Corradi-Webster, 2016). Acreditamos que tais desafios, muitas vezes,

podem desmotivar a publicação dos trabalhos ligados ao construcionismo social no contexto da academia brasileira, como também dificultar o processo de divulgação das mesmas.

No mais, é preciso lembrar que a presente análise refletiu os resultados encontrados em um recorte específico e limitado do contexto acadêmico brasileiro, como também considerar que parte da produção de conhecimento sobre as terapias socioconstrucionistas ocorre por outros meios que não o acadêmico, como em especializações profissionais. Um exemplo dessa afirmação pode ser visto através dos livros “Construcionismo Social e práticas colaborativo-dialógicas: contextos de ações transformadoras” (Grandesso, 2019), “Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas” (Grandesso, 2018), e “Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas” (Grandesso, 2017), que reúnem uma série de estudos ligados ao discurso construcionista social e às práticas pós-modernas, colaborativas e dialógicas, os quais foram produzidos por diferentes professoras(es) e alunas(os) do Certificado Internacional em Práticas Colaborativas e Dialógicas, oferecido pelo INTERFACI, em São Paulo.

Seguindo para a análise da comunidade de pesquisadores responsáveis pelas publicações levantadas, identificamos 31 nomes ligados à difusão das terapias associadas ao construcionismo social no contexto acadêmico brasileiro, sendo esses: Arantes, M. S.; Barbosa, M. B.; Boeckel, M. G.; Carrijo, R. S.; Corsini, L. F.; Costa, L. F.; Coutinho, A. L.; Crepaldi, M. A.; Crovador, L. F.; Doricci, G. C.; Fernandes, T. R.; Fiorini, M. C.; Guanaes-Lorenzi, C.; Guimarães, N. V.; Guisso, L.; Lenzi, B.; Lenzi, T.; Lima, A. S. da C.; Manfrim, A. F. N.; Martins, P. P. S.; Nascimento, V. A.; Novaes, E. D. F.; Peres, V. L. A.; Pozzer, L. A.; Raserá, E. F.; Ravagnani, G. De P.; Santos, C. P.; Setton, M. Z.; Souza, L. V.; Vogel, A. R.; e Uber, M. L. R..

Dentre as(os) 31 pesquisadoras(es) analisadas(os), cinco se destacaram devido ao número de pesquisas publicadas durante o período investigado: Carla Guanaes-Lorenzi, ligada a seis publicações (Ravagnani, 2019; Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Martins, 2017; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Ravagnani, 2015; Martins, 2013), Pedro Pablo Sampaio Martins, relacionado a cinco publicações (Martins & Arantes, 2018; Doricci, Crovador & Martins, 2017; Martins, 2017; Martins, 2013; Martins, Santos & Rasera, 2013), Emerson Fernando Rasera, vinculado a quatro publicações (Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Biagi-Borges, 2013; Martins, Santos & Rasera, 2013; Carrijo & Rasera, 2010); Gabriela Silveira de Paula Ravagnani, com três publicações (Ravagnani, 2019; Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Ravagnani, 2015), e, por fim, Bruno Lenzi, também ligado a três publicações (Lenzi, 2020; Lenzi & Lenzi, 2018; Lenzi, 2017).

Assim, foi possível notar que, com exceção de Bruno Lenzi, há uma certa proximidade entre aqueles que se destacaram devido ao número de publicações interessadas pelo assunto das terapias sensíveis ao construcionismo social, resultado que apontou para uma comunidade restrita de pesquisadoras(es) relacionadas(os) à difusão desse tema na atualidade. O resultado encontrado se justifica, em partes, pela parceria do Prof. Dr. Emerson F. Rasera e da Profa. Dra. Carla Guanaes-Lorenzi na liderança do grupo de pesquisa "Psicologia, Saúde e Construcionismo Social" do CNPq, que incentiva a produção de conhecimento sobre grupos e terapia familiar no contexto acadêmico nacional.

Em relação à formação das(os) autoras(es) analisadas(os), por meio da busca pelo nome das(os) mesmas(os) no site da Plataforma Lattes e, em seguida, entrando em contato com duas delas via e-mail, foi possível identificar que 27 das(os) 31 autoras(es) são formadas(os) em Psicologia, enquanto que quatro possuem formação em outras áreas, como em Comunicação



Social (Pozzer & Novaes, 2019; Coutinho, 2018), Pedagogia (Lima & Corsini, 2020), História e Direito (Fernandes & Nascimento, 2019).

Dessa forma, identificamos que os estudos relacionados ao tema das terapias socioconstrucionistas se mostraram principalmente divulgados por psicólogas(os), provavelmente devido aos critérios de busca que escolhemos para o levantamento da bibliografia analisada, os quais contemplaram apenas as publicações ligadas à Psicologia, conforme já descrito na parte metodológica deste trabalho. No entanto, sabemos que o campo das terapias é frequentemente associadas à área da Psicologia Clínica por um imaginário social, e até mesmo por muitas(os) psicólogas(os) que defendem a exclusividade do trabalho psicoterapêutico (Neubern, 2009).

Apesar disso, os resultados da presente análise também demonstraram que as terapias sensíveis ao construcionismo social estão articuladas com diferentes áreas do conhecimento. O interesse por parte de autoras(es) de áreas distintas pelo construcionismo social pode ser considerado algo comum devido à natureza transdisciplinar desse movimento, que possibilita e valoriza o encontro com diversos saberes, os quais possuem sua individualidade, mas trabalham juntos em favor da compreensão de tudo aquilo que nos permeia (Sanches-Justo et al., 2010). Especificamente sobre as pesquisadoras Adriana S. da C. Lima e Letícia de A. Pozzer e o pesquisador Taffarel R. Fernandes, compreendemos que os mesmos se aproximam do campo das terapias socioconstrucionistas devido ao interesse pela Terapia Familiar, área teórica e prática que conta com a colaboração de profissionais de diferentes disciplinas.

Seguindo para a análise das instituições vinculadas às dissertações de mestrado e teses de doutorado levantadas, identificamos 2 universidades ligadas à divulgação das terapias sensíveis ao construcionismo social no meio acadêmico brasileiro: a Universidade de São

Paulo/ Ribeirão Preto (4) e a Universidade Federal de Uberlândia (1). Desse modo, observamos que tais pesquisas estiveram principalmente associadas à Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto, provavelmente devido à atuação da Profa. Dra. Carla Guanaes-Lorenzi, docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), no Hospital-Dia da Universidade em questão, espaço que oferece oportunidades de estágios e outras atividades na área clínica.

No que se refere aos periódicos ligados à publicação dos artigos investigados, constatamos a relação com oito revistas diferentes, sendo essas: Nova Perspectiva Sistêmica (13), Psicologia Clínica (2), Psicologia: Teoria e Pesquisa (1), Revista IGT na rede (1), Estudos de Psicologia (1), Pensando Famílias (1), Paidéia (1), e Psicologia: Ciência e Profissão (1). Nesse sentido, a Revista Nova Perspectiva Sistêmica se destacou por ter concentrado 13 dos 21 artigos analisados, demonstrando sua influência no movimento de difusão das terapias ligadas ao construcionismo social no contexto acadêmico brasileiro.

De modo semelhante, Fernandes e Nascimento (2019) recentemente constataram a relevância da Revista Nova Perspectiva Sistêmica para a difusão de estudos relacionados à clínica socioconstrucionista no contexto acadêmico brasileiro. Tais resultados refletem a missão da revista de divulgar conhecimentos sobre o construcionismo social, famílias, práticas sistêmicas contemporâneas, terapia familiar, terapias narrativas e práticas colaborativas, conforme consta no site do periódico em questão.

Avançando para a análise dos objetivos gerais do material coletado, foi possível identificar que as publicações investigadas mostraram-se principalmente interessadas pela análise de abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas (12), pela investigação de certos

processos terapêuticos e suas implicações (9), bem como pelo estudo da difusão de teorias e técnicas entre terapeutas familiares (5).

Assim, reconhecemos 12 estudos analíticos, comparativos entre si ou não, que a partir do interesse pela investigação de abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas, refletiram sobre diferentes discursos e propostas clínicas, sendo essas internas ou externas ao construcionismo social (Lenzi, 2020; Setton, 2019; Martins & Arantes, 2018; Souza, 2018; Doricci, Crovador & Martins, 2017; Lenzi & Lenzi, 2017; Martins, 2017; Fiorini, Guisso & Crepaldi, 2017; Manfrim & Raserá, 2016; Martins, Santos & Raserá, 2013; Vogel, 2012; Costa, 2010). Observamos que esse conjunto de dados tanto está permeado por estudos que envolveram discussões teóricas e práticas abrangentes sobre a área clínica, como, por exemplo, discussões sobre a noção de clínica ampliada e o cuidado em saúde mental (Martins, 2017), como também por pesquisas voltadas para a investigação de conceitos e técnicas específicas, como é o caso do artigo de Fiorini, Guisso e Crepaldi (2016), que se voltou ao estudo sobre Equipes Reflexivas.

Além disso, identificamos nove trabalhos interessados pela investigação de certos processos terapêuticos e suas implicações (Lima & Corsini, 2020; Pozzer & Novaes, 2019; Coutinho, 2018; Guimarães, 2018; Lenzi, 2017; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Biagi-Borges, 2013; Martins, 2013; Carrijo & Raserá, 2010). Tais trabalhos ocorreram tipicamente a partir de estudos empíricos, voltados à compreensão dos sentidos produzidos em terapia pelas(os) clientes, terapeutas ou familiares, e de suas reverberações entre as(os) mesmas(os). Dentre as diferentes implicações exploradas pelos estudos em questão, destacou-se o interesse pela análise das mudanças que ocorreram na vida das(os) clientes com o auxílio da terapia

(Guimarães, 2018), bem como das transformações na escuta da(o) terapeuta (Coutinho, 2018).

Dessa forma, os objetivos gerais das pesquisas em questão demonstraram-se coerentes com uma epistemologia socioconstrucionista no sentido de valorizarem a investigação dos processos pelos quais as pessoas atribuem sentidos a si mesmas e ao mundo em que vivem (Gergen, 1992). Além disso, o interesse pela compreensão das transformações produzidas em terapia também apontou para uma aproximação entre as pesquisas analisadas e o construcionismo social na medida em que, para esse movimento, a prática terapêutica pode ser entendida como um processo microssocial capaz de fomentar mudanças a partir da negociação dos sentidos entre todas(os) que participam do encontro terapêutico (Rasera & Japur, 2005b).

Por último, observamos cinco pesquisas interessadas pelo estudo da difusão de teorias e técnicas no Brasil, com destaque para o discurso construcionista social, especialmente entre terapeutas familiares (Fernandes & Nascimento, 2019; Ravagnani, 2019; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Ravagnani, 2015; Uber & Boeckel, 2014). Nesse sentido, os resultados ressaltaram a importância das(os) terapeutas familiares no processo de divulgação das terapias ligadas ao construcionismo social em solo brasileiro, as(os) quais historicamente vêm se mostrando essenciais para que o movimento construcionista se consolide como uma influência teórica relevante no campo da terapia (Flaskas, 2011).

Dessa maneira, a presente análise nos possibilitou compreender que, de modo geral, poucas pesquisas ligadas ao tema das terapias sensíveis ao construcionismo social estão sendo publicadas na atualidade do contexto acadêmico investigado, sendo que a maioria delas é tipicamente divulgada por um grupo restrito de pesquisadoras(es) da área da Psicologia, bem

como pela Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto) e a Revista Nova Perspectiva Sistêmica.

Dentre os diferentes objetivos gerais que nortearam as pesquisas exploradas, notamos um interesse predominante pela análise de diferentes abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas, assim como pela investigação de certos processos terapêuticos e de suas implicações, e pelo estudo da difusão de teorias e técnicas entre terapeutas familiares. Tais resultados apontaram para pesquisas comprometidas em discutir, tanto de forma ampla como de modo específico, sobre as dimensões teóricas e práticas da área clínica, assim como em investigar os sentidos produzidos por todas(os) que participam do encontro terapêutico, especialmente daquelas(es) que apresentam mudanças ligadas ao processo psicoterápico. Para mais, alguns dos objetivos analisados reforçaram a importância das(os) terapeutas de família para a divulgação do construcionismo social nos meios clínico e científico brasileiros.

### **3.2 – O movimento construcionista na academia**

Entendendo que não há um único construcionismo social, mas diferentes “construcionismos” (Rasera, Guanaes & Japur, 2004), nesta seção objetivamos identificar quais versões de construcionismo social têm inspirado as publicações ligadas à divulgação das terapias associadas a esse movimento na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Para isso, procuramos reconhecer as(os) três autoras(es) relacionadas(os) à perspectiva construcionista que foram utilizadas com uma maior frequência entre o conjunto de dados, e refletir sobre quais ideias foram enfatizadas pelas(os) mesmas(os). Além disso, buscamos identificar os conceitos de construcionismo social, originais ou não, que foram mencionados pelas pesquisas em questão, e analisar aqueles que se mostraram privilegiados entre o material

levantado. Todos os dados necessários para a presente análise foram retirados na íntegra dos textos investigados, transpassados para tabelas, comparados entre si, e agrupados conforme suas semelhanças ou particularidades. Os mesmos foram sintetizados para o melhor entendimento da leitora ou do leitor, e estão disponíveis na parte de Anexos desta pesquisa, na Tabela 3.2 – O movimento construcionista na academia (p. 101).

Assim, por meio da leitura das referências bibliográficas utilizadas pelas pesquisas levantadas, foi possível identificar que as(os) três autoras(es) mais frequentemente referenciadas entre o conjunto de dados foram Kenneth J. Gergen (25), Harlene Anderson (24) e Sheila McNamee (20).

Resumidamente, Kenneth Jay Gergen é um psicólogo norte americano que há mais de 50 anos vem levantando discussões epistemológicas com base na perspectiva do construcionismo social. Segundo Burr (1995), esse autor pode ser considerado como uma das principais referências do movimento construcionista social no campo da Psicologia. Partindo do entendimento de realidade como um significado construído em um contexto histórico-cultural situado, Gergen questiona a existência de uma verdade única e, diante disso, apresenta práticas de pesquisas que se distanciam das bases da ciência empírica tradicional. Suas propostas epistemológicas enfatizam papel da linguagem e dos relacionamentos nos processos de construção de conhecimento, e visam multiplicar as formas de se investigar e interpretar o mundo (Vieira Junior, 2018).

Já Harlene Anderson é uma psicóloga norte americana que se mostra internacionalmente reconhecida como sendo uma pensadora, educadora, consultora e treinadora ligada às práticas clínicas pós-modernas. Dentre os diferentes prêmios que Anderson ganhou devido ao seu trabalho, nota-se que alguns dos mais prestigiosos, como o “contribuições proeminentes para

a terapia de casal e família”, recebido em 2000 pela American Association for Marriage and Family Therapy, e o “Prêmio de realização de Vida”, recebido pela Associação de Terapia de Casal e Família do Texas em 1998, estão ligados à prática terapêutica com casais e famílias. Essa terapeuta trabalha a partir de uma perspectiva colaborativa, o que significa atuar pensando em termos de parceria, no que ela e seu cliente constroem juntos. Partindo da noção construcionista de que existem múltiplas verdades sobre os fenômenos, como também do sentimento de confiança em relação à expertise dos sujeitos sobre suas próprias vidas, a terapia colaborativa de Anderson considera a(o) cliente como líder do conteúdo da conversa, e a(o) terapeuta como especialista do processo relacional que depende da especialidade da(o) cliente para ajudá-la(o) a se ajudar (Mofarrej, Paschoal & Medina, 2020).

Finalmente, Sheila McNamee é uma pesquisadora e professora de Comunicação norte americana que vem tendo seu trabalho reconhecido no campo do construcionismo social e da psicoterapia, principalmente no que se refere à investigação de aspectos conversacionais em diferentes contextos. Sua identidade intelectual se aproxima de uma perspectiva construcionista na medida em que enfatiza a importância da linguagem e dos relacionamentos nos processos de construção da realidade. Com base nisso, a autora vem produzindo uma série de artigos e capítulos sobre certas teorias e práticas ligadas ao construcionismo social. Entre os livros que McNamee escreveu, destaca-se a obra “A terapia como construção social” (McNamee & Gergen, 1992), publicada no ano de 1992 em parceria com Kenneth J. Gergen, por ter se tornado um importante marco no cenário das práticas clínicas (Guanaes & Rasera, 2006).

Dentre os diversos trabalhos de Kenneth J. Gergen, Harlene Anderson e Sheila McNamee que foram referenciados pelas publicações analisadas, notamos que a obra mais citada (14)

tanto no caso de Gergen como no de McNamee foi “A terapia como construção social” (McNamee & Gergen, 1992/1998). O livro “A terapia como construção social” foi originalmente publicado em inglês no ano de 1992, e traduzido para o português em 1998. Essa obra se tornou uma referência relevante para a comunidade de terapeutas sensíveis ao construcionismo social, e pode ser considerada como uma das principais responsáveis pela difusão do movimento construcionista no Brasil (Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2012). Suas ideias fomentaram importantes mudanças nos modos de compreensão das práticas terapêuticas e do papel do terapeuta. Partindo de uma perspectiva construcionista não-essencialista, flexível aos fundamentos racionais do conhecimento, os autores lançaram o entendimento de terapia como um processo de construção social de significados que se desdobram em ações na vida da(o) cliente e no seu entorno.

A obra de McNamee e Gergen (1992) também se demonstrou importante para a divulgação das ideias de Harlene Anderson entre a maioria das publicações levantadas (15), que referenciaram com frequência o capítulo “O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber”, escrito pela autora em parceria com Harold A. Goolishian. Nesse texto, Anderson e Goolishian (1998) refletiram sobre a posição do não-saber, um conceito ligado à abordagem colaborativa que se refere a uma postura terapêutica curiosa e atenta pela história da(o) cliente, na qual “o terapeuta não domina o cliente com conhecimentos psicológicos especializados, mas é conduzido a aprender com o conhecimento” (p. 43) do mesmo. Nesse sentido, o papel dessa(e) profissional não é o de analisar a(o) cliente, mas o de buscar compreender a perspectiva de vida da(o) mesma(o) para que, assim, possa ajudá-la(o) a construir novas narrativas em terapia.



Em relação às publicações que não referenciaram a obra “A terapia como construção social” ou o capítulo “O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber”, notamos que as mesmas conversaram com uma diversidade de pesquisas, mas principalmente com o livro “Conversação, Linguagem e Possibilidades: Um Enfoque Pós-Moderno da Terapia” (5), de Anderson (1997/2009/2011), e com a obra “Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue” (4), de McNamee e Gergen (1999).

No livro “Conversação, Linguagem e Possibilidades: Um Enfoque Pós-Moderno da Terapia”, Anderson (1997/2009/2011) reflete sobre a dicotomia entre a(o) terapeuta especialista e a(o) não-especialista, bem como sobre as estruturas hierárquicas que decorrem do relacionamento terapêutico. Além disso, a autora propõe um modo de ser terapeuta que se aproxima de uma postura colaborativa. Em uma estrutura de colaboração, as(os) clientes são escutadas(os) e suas vozes são valorizadas. Diante desse contexto, a linguagem é considerada como um recurso potente para auxiliar na mudança da vida da(o) cliente e de seus relacionamentos.

Na obra “Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue”, McNamee e Gergen (1999) problematizam o entendimento de responsabilidade enquanto uma competência individual, assim como enfatizam a importância dos intercâmbios sociais nos processos de construção de sentidos. Apoiados na premissa construcionista de que todo conhecimento é produzido por meio de trocas linguísticas, os autores consideram que a responsabilidade pela construção de entendimentos é coletiva. A partir disso, McNamee e Gergen apresentam o conceito de Responsabilidade Relacional, um entendimento que aposta na potência criadora e transformativa da comunicação, e que se centra nos processos microsociais de produção de significados.

Por fim, somente uma publicação (Fernandes & Nascimento, 2019) não foi influenciada pelas obras mencionadas acima, embora tenha referenciado os seguintes trabalhos de Kenneth J. Gergen: “The social constructionism movement in modern psychology”, na qual Gergen (1985) apresenta alguns pressupostos da perspectiva construcionista e registra seu percurso histórico no campo da Psicologia, bem como “Therapeutic practice as social construction” (Gergen & Ness, 2016), capítulo publicado em parceria com o psicólogo Ottar Ness, no qual os autores discutem sobre o espectro terapêutico e os processos de construção de significados a partir de um enfoque social.

Dessa maneira, compreendemos que as ideias de Kenneth Gergen, Harlene Anderson e Sheila McNamee foram utilizadas entre o conjunto de dados especialmente para apoiar reflexões ligadas ao entendimento de terapia como construção social, apontando para uma perspectiva construcionista que valoriza o papel do dialogismo, dos relacionamentos e da multiplicidade de sentidos de verdade nos processos de produção de conhecimento e de investigação terapêutica (Werneck Filho, 2012; Gergen, 1999; Burr, 1995).

Seguindo para a análise dos conceitos ligados ao construcionismo social, observamos uma variedade de descrições sobre essa perspectiva, contudo, a mesma foi predominantemente reconhecida como: a) uma orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento (6), b) um discurso em Psicologia (6), c) um movimento científico e social (5), d) uma teoria que auxilia na prática terapêutica (5). Além disso, identificamos algumas pesquisas (6) que descreveram o construcionismo social por meio de suas ênfases.

Nesse sentido, identificamos que o construcionismo social foi especialmente reconhecido como uma área interessada pela investigação dos processos de conhecimento (Doricci, Crovador & Martins, 2017), tendo sido entendido como uma epistemologia (Lenzi, 2017;

Ravagnani, 2015; Vogel, 2012), uma metateoria (Martins, 2017; Ravagnani, 2015), e uma teoria pós-moderna que propõe novos entendimentos sobre os processos de construção de conhecimentos e de sentidos (Coutinho, 2018; Carrijo & Rasera, 2010).

Segundo Sanches-Justo et al. (2010), o construcionismo social nasceu para responder a críticas sociais, ideológicas e retórico-literárias sobre o conhecimento científico. Questionando o entendimento de ciência como uma prática neutra e objetiva, a epistemologia construcionista propõe a noção de conhecimento como sendo fruto de construções sociais, históricas e culturais. Diante desse propósito, consideramos natural que as(os) pesquisadoras(es) sensíveis ao construcionismo social se preocupem em refletir sobre os processos de produção de conhecimento, principalmente no caso daquelas(es) que se basearam nas pesquisas de Kenneth Gergen, autor reconhecido por se posicionar criticamente diante de epistemologias empíricas-positivistas (Vieira-Junior, 2018).

Já no que se refere à noção de construcionismo social como discurso em Psicologia, percebemos que essa perspectiva foi descrita como uma virada linguística (Ravagnani, 2019), um discurso organizado em torno de algumas premissas (Souza, 2018; Manfrim & Rasera, 2016), um diálogo que permite a construção constante de significados (Uber & Boeckel, 2014), bem como um discurso múltiplo e mutável sobre a prática da Psicologia (Martins, Santos & Rasera, 2013).

Partindo da centralidade da linguagem nos processos de construção de conceitos e crenças, o construcionismo social entende sua própria perspectiva como um produto de trocas linguísticas. Dessa forma, nomear o movimento construcionista como um discurso significa compreendê-lo como uma possibilidade de significação tão válida como qualquer outra, e não

como uma representação da verdade absoluta do mundo (Spink & Frezza, 2013; Souza & Santos, 2012).

Prosseguindo a análise, constatamos que o construcionismo social também foi reconhecido pela sua flexibilidade, sendo descrito como um movimento (Pozzer & Novaes, 2019; Manfrim & Raserá, 2016), um movimento em ciência (Martins, 2017; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Raserá, 2017), assim como um movimento social (Fernandes & Nascimento, 2019).

Conforme Manfrim e Raserá (2016), chamar o construcionismo social de movimento significa reconhecer a fluidez desse campo e, nesse sentido, entender que existem múltiplas formas de descrevê-lo. Sabendo que há diferentes tendências desse movimento disponíveis na literatura da área (Raserá & Japur, 2005a), mas que, no geral, as propostas construcionistas negam toda explicação única e estática do que vem a ser a realidade, o ser humano e a Psicologia (Burr, 1995), é possível afirmar que a flexibilidade constitui-se como uma das características centrais do movimento construcionista social.

Além disso, observamos que o construcionismo social foi entendido como uma teoria que pode direcionar a prática clínica e o relacionamento terapêutico (Lenzi, 2020; Lima & Corsini, 2020; Setton, 2019), como também oferecer recursos para a construção de um diálogo com as perspectivas de gênero e sexualidade no contexto terapêutico (Lenzi & Lenzi, 2018), e subsídios para a prática narrativa (Costa, 2010), reforçando a utilidade da perspectiva construcionista para o campo terapêutico, como discutiremos de modo aprofundado no próximo eixo temático.

No mais, identificamos que algumas publicações (6) não conceituaram o construcionismo social de forma direta, mas o descreveram por meio de algumas de suas ênfases. Dentre as

mais comuns delas, observamos a noção de relacionamento como sendo fonte de produção sentidos e de conhecimentos (Martins & Arantes, 2018; Fiorini, Guisso & Crepaldi, 2017; Martins, 2013), bem como o foco voltado aos significados, à polivocalidade (Guimarães, 2018; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015) e aos processos conversacionais (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Borges, 2013).

Nesse sentido, a análise dos conceitos ligados ao construcionismo social apontou para uma perspectiva construcionista flexível, não-essencialista, curiosa pelos processos de conhecimento, influenciada pela virada linguística, que se mostra útil ao campo das terapias pós-modernas. De modo geral, a presente análise nos permitiu confirmar que há uma série de tendências construcionistas sendo produzidas e divulgadas pela comunidade da área (Rasera & Japur, 2005a), e nos lembrou de que o construcionismo, enquanto uma construção social, está em constante movimento e, por isso, não pode ser limitado a uma única descrição.

### **3.3 – Que terapia é essa?**

Nesta seção objetivamos analisar que sentidos de terapia têm sido construídos e divulgados na atualidade do contexto acadêmico brasileiro, tanto a partir de um ponto de vista teórico, como de uma perspectiva prática. Para isso, primeiramente, buscamos identificar os conceitos de terapia que foram mencionados nas publicações levantadas, e refletir sobre os sentidos atrelados aos mesmos. Em seguida, investigamos as pesquisas que compartilharam casos da prática clínica visando conhecer algumas características técnicas das terapias sensíveis ao construcionismo social, tais como tipo da prática relatada, faixa etária do público atendido, contexto do atendimento, e abordagem terapêutica utilizada. As informações necessárias para esta análise foram extraídas na íntegra dos textos investigados, transpassadas

para tabelas, comparadas entre si, e agrupadas conforme suas semelhanças ou particularidades. Tais informações foram sintetizadas para o melhor entendimento da leitora ou do leitor, e estão disponíveis na parte de Anexos deste trabalho, nas Tabelas 3.3.1 – Os sentidos de terapia (p. 106), e 3.3.2 – A terapia na prática (p. 110).

Iniciando a análise dos conceitos de terapia disponíveis na bibliografia levantada, observamos que os mesmos se mostraram diversificados, mas que estiveram predominantemente associados aos seguintes temas: a) comunicação (18), b) relacionamento (15), e c) problema ou preocupação (7). Além disso, consideramos que algumas publicações (2) não revelaram explicitamente o que consideram como terapia, mas que, no entanto, refletiram sobre alguns conceitos relevantes para as práticas clínicas associadas ao construcionismo social.

Dessa maneira, foi possível observar que 18 das 26 pesquisas analisadas trouxeram conceitos de terapia associados ao tema da comunicação, descrevendo tal prática como um sistema linguístico (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Biagi-Borges, 2013; Vogel, 2012) ou de linguagem (Setton, 2019), uma conversa (Martins & Arantes, 2018; Doricci, Crovador & Martins, 2017) ou um momento de conversa (Lenzi & Lenzi, 2018; Ravagnani, 2015), um processo dialógico (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Manfrim & Rasera, 2016), um diálogo (Lima & Corsini, 2020) ou, mais precisamente, um diálogo entre a(o) cliente e a(o) terapeuta (Uber & Boeckel, 2014), uma atividade de caráter dialógico (Fernandes & Nascimento, 2019), uma prática de ênfase discursiva (Pozzer & Novaes, 2019), um processo discursivo de produção de sentidos (Guimarães, 2018), uma reunião que visa o diálogo (Martins, 2013), uma opção discursiva (Martins, Santos & Rasera, 2013), bem como

um “processo em que o terapeuta se engaja por meio da conversação a fim de facilitar e cocriar com seu cliente novas narrativas” (Carrijo & Rasera, 2010, p. 131).

Tais resultados remetem à importância da linguagem para o movimento construcionista social. Conforme Brito e Germano (2013), as terapias nomeadas como pós-modernas, embora apresentem diferenças entre si, partilham os entendimentos de que a linguagem constrói sentidos, e o diálogo, enquanto uma prática social, produz transformações. Partindo dessas ideias, a perspectiva construcionista social compreende a prática terapêutica como um contexto conversacional que fomenta a construção de novos sentidos de realidade por meio do relacionamento entre a(o) cliente e a(o) terapeuta. Assim, o foco de atenção das práticas ligadas ao construcionismo social se volta para o fluxo conversacional de quem participa do contexto terapêutico, considerando que a ação-conjunta e corporificada do uso das palavras pode construir novos sentidos sobre o mundo, sobre os problemas, e sobre si mesma(o) (Guanaes & Japur, 2008).

A linguagem, ainda que geralmente seja utilizada com naturalidade em nossas atividades cotidianas, só possibilita a comunicação quando faz sentido para aquelas(es) que participam da conversa. Dessa maneira, uma conversação na qual as pessoas compartilham significados demanda um interesse genuíno frente ao outro (Anderson, 2016), sendo que, por essa razão, as noções de comunicação e relacionamento parecem caminhar juntas.

Indo ao encontro desse entendimento, identificamos que os conceitos de terapia presentes em algumas das pesquisas analisadas (15) também estiveram ligados à concepção de relacionamento. Tais publicações descreveram a prática terapêutica como uma construção social (Coutinho, 2018; Martins & Arantes, 2018; Souza, 2018; Martins, 2017; Ravagnani, 2015), um encontro entre dois especialistas: a(o) terapeuta e a(o) cliente (Lenzi, 2017;

Martins, Santos & Raserá, 2013), assim como um processo relacional (Manfrim & Raserá, 2016; Raserá & Guanaes, 2010), ou, mais precisamente, um processo relacional de produção de sentidos (Guimarães, 2018), um espaço dialógico que convida a falar “daquilo que une e conecta a todos como família e conecta os terapeutas com seus clientes” (Lima & Cornisi, 2020, p. 27), uma modalidade terapêutica interessada pelo entendimento das relações sociais (Ravagnani, 2019), uma abordagem de enfoque relacional (Fiorini, Guisso & Crepaldi, 2017), “um contexto específico de construção relacional de sentidos e de realidades sociais” (Doricci, Crovador & Marins, 2017, p. 40), assim como um contexto relacional (Ravagnani, 2015).

Conforme já discutido na introdução deste estudo, algumas das ideias compartilhadas entre a comunidade construcionista social se refere à valorização dos relacionamentos, da história e da cultura nos processos de conhecimento (Raserá & Japur, 2005a). Essa ênfase comum nos permite ter uma visão sociocultural dos processos psicológicos e de subjetivação, que são compreendidos pelo construcionismo como resultado das relações sociais nas quais o sujeito se insere. Partindo dessa perspectiva, o *self* passa a ser considerado como um constructo social, e o outro torna-se fundamental no processo de enxergar e construir a si mesmo, sendo que, por isso, passa a ocupar um lugar de relevância nas práticas clínicas socioconstrucionistas (Lenzi, 2013). Dessa forma, a própria terapia pode ser entendida como uma construção social, na qual terapeuta e cliente se engajam na construção conjunta de sentidos de realidade.

Avançando para a análise das publicações que apresentaram conceitos de terapia associados à ideia de problema ou preocupação (7), constatamos que a prática terapêutica foi considerada como um processo que possibilita a mudança de discursos problemáticos (Vogel,



2012; Carrijo & Rasera, 2010), um espaço dialógico que convida a conversar sobre as preocupações da(o) cliente (Lima & Corsini, 2020), uma ferramenta que auxilia a população a cuidar de situações problemáticas (Ravagnani, 2019), uma modalidade terapêutica propícia para o tratamento de diferentes problemas individuais ou relacionais (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015), uma “rede de conversações em torno de um problema” (Ravagnani, 2015, p. 31), assim como um “sistema de organização e dissolução de problemas” (Biagi-Borges, 2013, pp. 37-38).

Com isso, foi possível observar que, assim como afirmam Carrijo e Rasera (2010), uma das ênfases das terapias sensíveis ao construcionismo é construir novas descrições de problema, tendo em vista que, de acordo com uma perspectiva construcionista, os problemas não se localizam nas pessoas, mas nos discursos. Conforme Ganc e Diniz (2020), a terapia de sensibilidade construcionista pode ser vista como “conversas organizadas pelo desejo de aliviar a dor e o sofrimento mental levando os clientes a um lugar de maior funcionalidade.” (p. 244). De modo semelhante, Rasera e Japur (2005b) compreendem que os problemas são discursos ligados a certos valores sociais, e consideram que os mesmos podem ser negociados e transformados por meio do contexto terapêutico. No entanto, é importante destacar que a terapia de sensibilidade construcionista não apenas proporciona um espaço que convida a(o) cliente a falar sobre seus problemas e preocupações, como também sobre aquilo que a(o) conecta com a(o) terapeuta, ou com sua família, no caso da terapia familiar (Lima & Corsini, 2020), sendo que uma das características da prática clínica construcionista é tirar o foco do problema para dar lugar a conversações que explorem e enfatizem as potencialidades dos clientes (Gergen & Warhuus, 2001).

Por fim, consideramos que duas publicações não apresentaram conceitos de terapia (Lenzi, 2020; Costa, 2010), talvez pelo motivo de terem dialogado com terapeutas e pesquisadoras(es) da área, as(os) quais provavelmente já estão familiarizadas(os) com esse entendimento. Além disso, enquanto ligados ao construcionismo social, tais estudos podem não demonstrar interesse por oferecer um conceito que defina terapia, uma vez que “as ideias construcionistas convidam a um pluralismo radical, ou seja, a uma abertura para múltiplas formas de denominar e avaliar” (Gergen & Gergen, 2010, p. 31) tudo aquilo que nos rodeia. Contudo, tais artigos ofereceram contribuições relevantes ao campo da clínica socioconstrucionista, seja, por exemplo, propondo um exercício para a prática terapêutica colaborativa-dialógica (Lenzi, 2020), ou apresentando um panorama histórico das influências do construcionismo social no campo da terapia familiar (Costa, 2010).

Assim, quando revisamos os resultados da análise dos conceitos de terapia, notamos que as noções ligadas à essa prática muitas vezes se mostram entrelaçadas, sendo possível entender que as terapias sensíveis ao construcionismo social consideram os processos de comunicação e os relacionamentos como protagonistas no trabalho de ampliar e transformar os sentidos de problema levados pela(o) cliente.

Avançando para a análise das características práticas das terapias ligadas ao construcionismo social, procuramos identificar informações pertinentes ao tipo da prática desenvolvida (individual, grupal, familiar ou de casal), à faixa etária do público atendido (criança, adolescente, adulto ou idoso), ao contexto do atendimento (público ou privado), e à abordagem terapêutica específica utilizada como sustentação teórica das pesquisas que compartilharam casos da prática clínica (18). Dentre elas, estão: Lenzi (2020), Lima e Corsini (2020), Setton (2019), Ravagnani (2019), Pozzer e Novaes (2019), Martins e Arantes (2018),

Lenzi e Lenzi (2018), Guimarães (2018), Coutinho (2018), Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi e Rasera (2017), Martins (2017), Lenzi (2017), Ravagnani (2015), Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), Uber e Boeckel (2014), Martins (2013), Borges (2013), bem como Carrijo e Rasera (2010).

Nesse sentido, esta parte da análise não contemplou as publicações que não relataram casos clínicos (8), sendo essas: Fernandes e Nascimento (2019), Souza (2018), Doricci, Crovador e Martins (2017), Fiorini, Guisso e Crepaldi (2017), Manfrim e Rasera (2016), Martins, Santos e Rasera (2013), Vogel (2012), e Costa (2010).

Partindo desse enquadramento, a análise dos tipos de atendimentos nos possibilitou identificar que nove pesquisas discutiram sobre práticas realizadas com famílias (Lima & Corsini, 2020; Setton, 2019; Pozzer & Novaes, 2019; Coutinho, 2018; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Martins, 2017; Ravagnani, 2015; Uber & Boeckel, 2014; Martins, 2013), quatro disponibilizaram recortes de atendimentos do tipo individual (Lenzi, 2020; Martins & Arantes, 2018; Guimarães, 2018; Lenzi, 2017), e três relataram informações pertinentes ao trabalho tanto com famílias como com casais (Ravagnani, 2019; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Biagi-Borges, 2013). Além disso, identificamos uma pesquisa que apresentou trechos de atendimentos desenvolvidos com um casal (Lenzi & Lenzi, 2018), e uma que partilhou a história de um grupo psicoterapêutico (Carrijo & Rasera, 2010).

Dessa maneira, as práticas clínicas relatadas pelas publicações analisadas se mostraram predominantemente voltadas para o atendimento de famílias, reforçando a influência e a utilidade das propostas construcionistas sociais no contexto da terapia familiar (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi, Rasera & McNamee, 2016). Além disso, algumas pesquisas compartilharam casos sobre a prática com casais, os quais também podem ser compreendidos

como um tipo de configuração familiar, tendo em vista que, dentro de uma perspectiva de família como construção social, o grupo familiar pode ser entendido como uma descrição do que as pessoas consideram como tal (Guanaes & Mattos, 2011).

Para mais, identificamos poucos estudos que refletiram sobre experiências desenvolvidas no contexto da terapia individual, sendo que um deles contou com a parceria de dois terapeutas para a realização de um formato de sessão chamado de Cerimônias de Encerramentos (Martins & Arantes, 2018), resultado que aponta para o caráter social das terapias sensíveis à perspectiva socioconstrucionista. No mais, observamos que apenas uma pesquisa demonstrou ter realizado psicoterapia em grupo, fortalecendo a ideia de que ainda são raros os trabalhos que contribuem para a aproximação entre o construcionismo social e o campo das práticas grupais (Carrijo & Raserá, 2010; Raserá & Japur, 2005).

Em relação à faixa etária do público atendido, identificamos que oito pesquisas referiram-se ao trabalho terapêutico com adultos (Ravagnani, 2019; Lenzi & Lenzi, 2018; Martins & Arantes, 2018; Guimarães, 2018; Lenzi, 2017; Biagi-Borges, 2013; Martins, 2013; Carrijo & Raserá, 2010), duas relataram sobre práticas que contemplaram tanto adultos como crianças (Lima & Corsini, 2020; Setton, 2019), uma discorreu sobre o atendimento de uma família composta por um adulto, uma criança e três adolescentes (Pozzer & Novaes, 2019), e uma entrevistou pessoas adultas e idosas que haviam participado de sessões de terapia familiar (Martins, 2017). Além disso, cinco pesquisas não explicitaram a faixa etária do público atendido (Lenzi, 2020; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Raserá, 2017; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Ravagnani, 2015; Uber & Boeckel, 2014). Dentre essas, sabemos que duas não atenderam crianças devido ao conteúdo dos assuntos abordados em terapia (Lenzi, 2020), ou à informação que o próprio estudo nos oferece (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015).

Além disso, entendemos que três pesquisas não relataram a faixa etária do público atendido pelas(os) psicólogas(os) e terapeutas familiares entrevistadas(os) pelo motivo de essa informação não ser imprescindível para os objetivos desses estudos, que, de modo geral, visavam investigar o uso de teorias na prática clínica das(os) profissionais em questão (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Ravagnani, 2015; Uber & Boeckel, 2014).

Desse modo, observamos que as publicações analisadas contaram principalmente sobre atendimentos realizados com adultos, tendo sido incomum encontrar relatos sobre a prática terapêutica com pessoas idosas, adolescentes e crianças. Segundo Svartman (2011), a procura por terapia por parte de jovens adultas(os) tem aumentado significativamente nos últimos anos devido às diferentes transformações que acompanham a passagem do tempo, especialmente por conta das novas configurações de trabalho que, atravessadas pelos avanços tecnológicos, possibilitam meios de conexão ininterruptos. Assim, muitas pessoas adultas da presente geração têm demonstrado sofrer com intensidade diante das diversas exigências da atualidade, sofrimento que, muitas vezes, se reverbera em adoecimentos físicos, como em dores de cabeça ou de estômago, por exemplo. Com isso, a autora acredita que a(o) jovem adulta(o) contemporânea(o) tem carecido de contato humano, bem como de ajuda psicológica para refletir sobre os diferentes atravessamentos dessa época.

No entanto, entendemos que as necessidades de contato humano e de reflexão sobre o que se vive acompanham todas as faixas-etárias. No caso das pessoas em idade avançada, sabe-se que a atenção psicológica se mostra essencial por diferentes razões como, por exemplo, pelo sentimento de impotência que a pessoa idosa pode ter ao se deparar com o declínio de sua saúde física e com a proximidade da morte (Picolo & Fernandes, 2008). Apesar disso, vemos

que a área da saúde do idoso ainda é pouco difundida no Brasil, assim como o interesse pela gerontologia entre a comunidade de psicólogas(os) brasileiras(os) (Ribeiro, 2015).

No caso dos resultados ligados ao atendimento de adolescentes, concordamos com Guimarães e Costa (2003) no sentido de entender que as conversações terapêuticas com esse público, quando envolvem seus familiares, podem “se centralizar em processos de julgamento e culpabilização que dificultam a circularização da comunicação, e oferecem obstáculos às redefinições propiciadoras de avanço na compreensão e resolução dos conflitos” (p. 172), o que pode comprometer a aderência da(o) adolescente na terapia. Já em relação ao caso das crianças, pensamos que as terapias socioconstrucionistas, em alguns casos, podem se mostrar como uma proposta pouco atrativa a esse público devido ao seu caráter conversacional. Contudo, sabemos que o construcionismo social também oferece subsídios para a construção de conversações terapêuticas lúdicas, principalmente por meio do recurso da externalização de problemas introduzido por Michael White, e da utilização de brinquedos (Cesar, 2020). Para mais, o desenho também pode servir como um recurso linguístico útil para a prática clínica socioconstrucionista (Biagi-Borges, 2013).

Seguindo para a análise dos contextos em que os atendimentos relatados foram desenvolvidos, identificamos que tais práticas ocorreram em espaços variados, como em clínicas sociais de institutos que oferecem formação em terapia de casal e familiar (Lima & Corsini, 2020; Pozzer & Novaes, 2019; Coutinho, 2018; Biagi-Borges, 2013), em clínicas privadas de terapeutas familiares (Ravagnani, 2019; Setton, 2019) e de psicólogos (Martins & Arantes, 2018), em um Hospital-Dia de Psiquiatria (Martins, 2017; Martins, 2013), em clínicas-escolas de Psicologia (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Carrijo & Rasera, 2010), bem como em diferentes consultórios (Lenzi, 2017). Além disso, uma publicação

disponibilizou recortes de uma sessão que normalmente acontecia no consultório particular da autora, mas que, para os fins da pesquisa, foi audiogravada em uma aula na clínica social do curso de formação no Instituto Humanitas de Pesquisa e Intervenção em Sistemas Humanos, em Salvador, Bahia (Guimarães, 2018). No mais, cinco pesquisas não contextualizaram onde os atendimentos relatados foram realizados (Lenzi, 2020; Lenzi & Lenzi, 2018; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Ravagnani, 2015; Uber & Boeckel, 2014). Dentre essas, acreditamos que três não especificaram o contexto dos atendimentos realizados pelas(os) psicólogas(os) e terapeutas familiares por essa informação não se mostrar necessária para responder aos objetivos desses estudos que, no geral, buscaram investigar as formas de utilização de teorias na prática terapêutica (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Ravagnani, 2015; Uber & Boeckel, 2014).

Nesse sentido, foi possível perceber que as práticas terapêuticas relatadas pelas pesquisas analisadas foram majoritariamente realizadas em clínicas sociais de institutos que oferecem formação em terapia familiar e de casal, o que, em partes, justifica o motivo pelo qual as análises anteriores indicaram um interesse predominante por parte do conjunto de dados pelo campo da terapia familiar.

Sobre as abordagens terapêuticas utilizadas como aporte teórico para o desenvolvimento dos trabalhos relatados nas pesquisas que versaram sobre a prática clínica construcionista, foi possível identificar que tais práticas estiveram predominantemente influenciadas pelas ideias da abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian (12), dos processos reflexivos de Tom Andersen (10), e das práticas narrativas de Michael White e David Epston (6). Além disso, uma publicação não explicitou quais eram as abordagens utilizadas pelas(os)

terapeutas de família que entrevistou, mas compartilhou algumas das ênfases teóricas utilizadas pelas(os) mesmas(os) (Ravagnani, 2015).

No que se refere às influências da abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian nas práticas analisadas, notamos que as mesmas inspiram posturas terapêuticas filosóficas, reflexivas, respeitosas (Biagi-Borges, 2013), livres de julgamentos (Ravagnani, 2015), e genuinamente curiosas (Guimarães, 2018) pelo outro. A partir desse viés, a(o) cliente é entendida(o) como a(o) especialista do conteúdo de sua própria vida, e a(o) terapeuta como a(o) especialista da conversação terapêutica (Lenzi, 2020; Lima & Corsini, 2020; Martins e Arantes, 2018; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi & Rasera, 2017; Carrijo & Rasera, 2010). Assim, a(o) terapeuta colaborativa(o) é convidada(o) a confiar nos saberes da(o) cliente (Lenzi & Lenzi, 2018) e a oferecer protagonismo às vozes da(o) mesma(o) (Lenzi, 2017). Além disso, a abordagem colaborativa também mostrou auxiliar terapeutas familiares a elaborarem perguntas no contexto da terapia familiar (Ravagnani, 2019; Setton, 2019).

Introduzida por Harlene Anderson e Harold Goolishian, a terapia colaborativa se organiza em torno da conversação entre terapeutas e clientes, podendo ser entendida como uma das propostas que mais se aproxima da perspectiva construcionista social. Considerando que conhecimento, linguagem e relacionamento não se separam, a abordagem colaborativa propõe uma forma de conversa na qual a(o) terapeuta assume uma postura filosófica de desconhecimento, e, por meio dela, abre espaço para a construção de novos entendimentos. Assim, a abordagem colaborativa não oferece técnicas estruturadas de terapia, mas convida a(o) terapeuta a assumir um lugar de “não-saber” para poder responder às particularidades de cada situação (Doricci, Crovador & Martins, 2017; Martínez, 2004). Partindo desse olhar, a(o)



cliente é vista(o) como a(o) especialista do conteúdo de sua vida, e a(o) terapeuta como arquiteta(o) do diálogo (Anderson & Goolishian, 1988).

A respeito das práticas clínicas que se mostraram influenciadas pelos processos reflexivos de Tom Andersen (10), identificamos que muitas delas se aproximam desse conceito devido ao trabalho com Equipes Reflexivas (Lima & Corsini, 2020; Pozzer & Novaes, 2019; Coutinho, 2018; Martins, 2017; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Martins, 2013; Carrijo & Rasera, 2010). Além disso, foi possível observar que as ideias de Andersen foram entendidas como uma oportunidade para a(o) terapeuta da família atuar em coterapia e desenvolver práticas polifônicas (Ravagnani, 2019), além de terem servido como inspiração para a construção das Cerimônias de Encerramento, um formato de atendimento utilizado para a finalização da terapia individual (Martins & Arantes, 2018). No mais, Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi e Rasera (2017) afirmam que puderam observar com clareza a presença das ideias de Andersen (1991), Anderson (2012) e White (2007) nos discursos de terapeutas “conciliadores-construcionistas”, ou seja, daquelas(es) profissionais que só utilizam teorias relativas ao construcionismo social.

Os Processos Reflexivos correspondem ao movimento de alternância entre o lugar de fala e o lugar de escuta de um grupo. Essa proposta foi apresentada em 1991 pelo psiquiatra norueguês Tom Andersen por meio da obra “The Reflecting Team, Dialogues and Dialogues About the Dialogues”. Em 1996, com a tradução do livro para a língua portuguesa, as ideias de Andersen foram rapidamente aceitas e divulgadas pela comunidade brasileira de terapeutas familiares, tendo colaborado para a ampliação das práticas de cuidado com grupos de baixa renda em contextos institucionais e de ensino. Uma das principais formas de utilização dos processos reflexivos no país ocorre por meio do trabalho com Equipes Reflexivas, uma

prática terapêutica grupal, na qual a(o) terapeuta participa do espaço de conversa através de uma postura respeitosa, curiosa e horizontal, visando colaborar com a construção de reflexões que possam alargar entendimentos no sistema terapêutico (Ganc & Diniz, 2020; Labs & Grandesso, 2017).

Em relação aos trabalhos sensíveis às práticas narrativas sugeridas por Michael White e David Epston (6), constatamos um trabalho que se debruçou nos conceitos de re-autoria e re-associação propostos pelos autores em questão, e conferiu à terapeuta mais recursos e habilidades para o seu trabalho (Guimarães, 2018), e outro que, a partir das contribuições da Terapia Narrativa, buscou criar um contexto de conversações em que o terapeuta colaborou para a transformação das histórias dos participantes do grupo terapêutico (Carrijo & Rasera, 2010). Além disso, observamos que certas(os) terapeutas utilizavam de alguns conceitos propostos especificamente por Michael White, como as conversas de construção de andaimes, as conversas que iluminam eventos extraordinários (Ravagnani, 2019), as Cerimônias de Definição (Coutinho, 2018; Martins & Arantes, 2018), a história alternativa, bem como a testemunha externa (Coutinho, 2018).

Outros estudos já apontaram que a Terapia Narrativa vem se mostrando influente no contexto da clínica construcionista, principalmente no Brasil, onde suas ideias foram facilmente aceitas (Martins, Santos & Rasera, 2017). Essa perspectiva entende as experiências das pessoas como histórias que dão sentido à vida das mesmas, e que, portanto, podem ser revisadas e “reescritas”. Assim, uma das principais ênfases da prática narrativa consiste em desconstruir as histórias dominantes sobre os problemas saturados, buscando organizar descrições mais positivas em relação à vida da(o) cliente (Grandesso, 2002). Por isso, a abordagem narrativa disponibiliza ferramentas conversacionais que facilitam a exploração de

histórias sobre os problemas, mostrando-se como uma prática útil para a ressignificação dos mesmos, inclusive a partir de uma prática de sessão única (Vilela, Lion, Vidotto & Moscheta, 2020).

Dessa forma, observamos que embora o movimento construcionista social inspire diferentes propostas terapêuticas, a análise das práticas relatadas por algumas das publicações levantadas nos permitiu identificar que as mesmas mostraram-se predominantemente ligadas às propostas da abordagem colaborativa, da terapia narrativa e dos processos reflexivos. Conforme já discutido por autores da área, tais abordagens possuem grande influência dentro da comunidade de terapeutas construcionistas, sendo possível considerá-las como as propostas que mais frequentemente são associadas ao construcionismo social no Brasil (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Rasera & Japur, 2004).

#### 4.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro eixo de análise nos permitiu constituir um panorama das principais características da difusão das terapias sensíveis ao construcionismo social na atualidade do campo acadêmico investigado. Seus resultados indicaram que poucos estudos ligados à temática das terapias socioconstrucionistas têm sido publicados no meio acadêmico analisado, sendo que tais publicações vêm sendo tipicamente divulgadas por um grupo pequeno de autoras(es) da área da Psicologia, e se mostram principalmente vinculadas à Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto, e à Revista Nova Perspectiva Sistêmica. Dentre os diferentes assuntos abordados por esses estudos, observamos um interesse predominante pela análise de diferentes abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas, como também pela investigação de certos processos terapêuticos e suas implicações, e pelo estudo da difusão de teorias e técnicas entre terapeutas familiares.

Na segunda seção analítica foi possível identificar algumas versões de construcionismo social que inspiraram as pesquisas investigadas. Apesar de termos encontrado uma variedade de descrições sobre a perspectiva socioconstrucionista, notamos que a maioria dos estudos analisados se aproximou dos discursos de Kenneth J. Gergen, Harlene Anderson e Sheila McNamee, os quais falam de um construcionismo social que enfatiza o papel linguagem e dos relacionamentos nos processos de produção de conhecimento, e que pensa a terapia como uma construção social. Além disso, a análise dos conceitos de construcionismo utilizados pelo conjunto de dados nos permitiu compreendê-lo como uma orientação preocupada com os processos de produção de conhecimento, um movimento científico e social, uma teoria que auxilia na prática terapêutica, bem como um discurso em Psicologia, confirmando que existem diferentes modos de utilizar o construcionismo social pela comunidade da área.

Por fim, os resultados do terceiro eixo de análise nos permitiram identificar alguns dos sentidos que as terapias ligadas ao construcionismo social carregam na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Partindo de um ponto de vista teórico, notamos que a noção de terapia foi principalmente associada à comunicação, relacionamento, e a problema ou preocupação. Essas noções, muitas vezes, se mostraram entrelaçadas, tendo sido possível compreender as terapias socioconstrucionistas como processos relacionais e conversacionais capazes de ampliar e transformar significados do que vem a ser um problema. Já a partir de ponto de vista prático, vimos que as práticas clínicas analisadas estiveram particularmente voltadas para famílias e pessoas adultas, tendo sido principalmente realizadas em clínicas sociais de institutos de formação em terapia familiar e de casal sob a influência da abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian, dos processos reflexivos de Tom Andersen, e das práticas narrativas de Michael White e David Epston.

Nesse sentido, consideramos que os resultados desta pesquisa ofereceram visibilidade à literatura nacional ligada ao tema das terapias sensíveis ao construcionismo social, e podem colaborar para a difusão do movimento construcionista entre terapeutas e psicólogas(os) brasileiras(os). Além disso, acreditamos que o presente estudo ofereceu alguns direcionamentos para uma prática clínica sensível ao construcionismo, tais como a importância de se investigar os relacionamentos no contexto terapêutico, bem como os processos discursivos que produzem sentidos de mundo, visando, sobretudo, a ampliação e a transformação dos sentidos de problema levados pelo cliente. Assim, esperamos que o presente estudo se mostre útil a estudantes e profissionais da área que demonstram interesse em pesquisar e atuar com base em uma perspectiva socioconstrucionista.

No entanto, é preciso lembrar que o presente estudo apresenta limitações por estar atravessado pelos critérios de escolha metodológica dos autores, que poderiam ter escolhido outras plataformas de pesquisas, palavras e filtros para a busca dos dados e, nesse sentido, encontrado resultados diferentes daqueles apresentados aqui. Além disso, ainda que o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e as bases de dados SciELO e PePSIC sejam plataformas confiáveis e ricas em estudos brasileiros, compreendemos que as mesmas representam apenas uma parcela do meio acadêmico nacional, e que podem, inclusive, apresentar falhas que impossibilitam a inclusão de certas pesquisas no conjunto de dados, conforme observamos ocorrer no sistema do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Diante disso, salientamos a importância de que mais pesquisadoras(es) e terapeutas da área investiguem sobre as aproximações recentes entre construcionismo social e terapia no Brasil a partir de diferentes recortes acadêmicos e não acadêmicos, possibilitando, assim, a construção de novas descrições sobre esse campo teórico e prático, como também o fortalecimento e a difusão das terapias socioconstrucionistas no meio científico brasileiro.

No mais, destacamos a necessária produção de pesquisas socioconstrucionistas voltadas para o estudo de práticas terapêuticas organizadas em diferentes formatos de atendimentos, principalmente no formato de terapia de grupo, além de pesquisas interessadas pela investigação e relato de casos clínicos que contemplem pessoas de idade avançada, adolescentes e crianças

## REFERÊNCIAS

Alum, J. S. & Imaz, J. A. G. (2017). *Bajo la guía del equipo imaginario* En la psicoterapia. Taos Institute Publications.

Anderson, H. (1997). *Conversation, Language and Possibilities: a Post-Modern Approach to Therapy*. New York: Basic Books.

Anderson, H. (2016). Algumas considerações sobre o convite ao diálogo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 49-54. Recuperado em 13 de novembro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412016000300005&lng=pt&tlng=](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412016000300005&lng=pt&tlng=).

Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities*. New York: Basic Books.

Anderson, H. & Goolishian, H. (1998) O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. In: McNamee, S.; Gergen, K. (Orgs.). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. pp. 34-50.

Anderson, H. & Goolishian, H. (1988). Human systems as linguistic system: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27 (4) 371- 393.

Andersen, T. (1999). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

Barbosa, M. B., & Guanaes-Lorenzi, C. (2015). Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar. *Psicologia Clínica*, 27(2), 15-38. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291044011002>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Biagi, B. A. D. (2012). O processo de construção de sentidos sobre mudança em Terapia Familiar. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado em 03 de abril, 2021, de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17165>

Borges, A. L. D. B. (2013). A poética do desenho em terapia de casal. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado em 03 de abril, 2021, de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17199>

Bogdan, R. C. & Biklen, S. N. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Brito, R. M. M. & Germano, I. M. P. (2013). Terapia narrativa e abordagem colaborativa: contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(47), 57-73. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/7>

Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. Londres: Routledge.

Carrijo, R. S., & Rasera, E. F. (2010). Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa. *Psicologia Clínica*, 22(1), 125-140. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100008>

Cesar, A. B. C. (2020). O Uso de Brinquedos na Equipe Reflexiva no Atendimento a Famílias com Crianças: Expandindo Possibilidades. *Palabras, Movimientos y Emociones*, 153.

Conselho Federal de Psicologia (2013). VII Congresso Nacional da Psicologia, *Caderno de Deliberações*. Brasília: CFP. Recuperado em 7 de setembro, 2020, de



[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/08/MinutaCadernodelibera  
%C3%A7oes14.08.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/08/MinutaCadernodelibera%C3%A7oes14.08.pdf)

Cordioli, A. V. (2008). *Psicoterapias: Abordagens Atuais*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(SPE), 95-104. Recuperado 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500008>

Coutinho, A. L. (2018). Cerimônia de Definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 39-54. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412018000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000100004&lng=pt&tlng=pt)

Danziger, K. (1997). The varieties of social construction. *Theory & Psychology*, 7(3), 399-416.

Doricci, G. C., Crovador, L. F. & Martins, P. P. S. (2017). O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(59), 37-51. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010478412017000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010478412017000300004&lng=pt&tlng=pt)

Dutra, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 381-387. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200021>

Eagleton, T. (1996). *As Ilusões do Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fernandes, T. R. & Nascimento, V. A. (2019). O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 6-19. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a01>

Ferreira Neto, J. L. F. (2010). Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 18, 130-142. Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/ferreiraneto01.pdf>

Fiorini, M. C., Guisso, L. & Crepaldi, M. A. (2017). O trabalho com equipes reflexivas: revisão de literatura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 85-102. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412017000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000100007&lng=pt&tlng=pt)

Feixas, G. & Miró, M. T. (1993). *Aproximaciones a la Psicoterapia: una introducción a los tratamientos psicológicos*. Barcelona, España: Paidós.

Féres-Carneiro, T., & Lo Bianco, A. C. (2003). Psicologia clínica: Uma identidade em permanente construção. In: Yamamoto, O. H.; Gouveia, V. V. (Orgs.), *Construindo a Psicologia brasileira: Desafios da Ciência e da prática psicológica*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Flaskas, C. (2011). Frameworks for practice in the systemic field: Part 2 – Contemporary frameworks in family therapy. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 32(2), 87-108.

Galbin, A. (2014). An introduction to social constructionism. *Social Research Reports*, (26), 82-92. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://www.researchreports.ro/en/an-introduction-to-social-constructionism>

Ganc, L., & Diniz, T. (2020), Tom Andersen - O homem e sua obra. *Palabras, Movimientos y Emociones*, 237.

Gergen, K. J. (1985). The social constructionism movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40 (3), 266-275.

Gergen, K. J. (1992). The social constructionism movement in modern psychology. Recuperado em 20 de março, 2021, de *American Psychologist*, 40(3), 266-275. [https://www.researchgate.net/publication/302871718\\_The\\_Social\\_Constructivist\\_Movement\\_in\\_Modern\\_Psychology](https://www.researchgate.net/publication/302871718_The_Social_Constructivist_Movement_in_Modern_Psychology)

Gergen, K. J. (1996). La construcción social: emergência y potencial. In: Pakman, M. (Org.), *Construcciones de la Experiência Humana*. Barcelona: Editorial Gedisa, Vol.1.

Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.

Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. Londres: Sage.

Gergen, K. J. (2009a). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 6(1), 299-325. Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n1p299>

Gergen, K. J. (2009b). *Relational being: beyond self and community*. Oxford: Oxford University Press.

Gergen, K. J. & Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Editora do Instituto NOOS.

Gergen, K. J. & Ness, O. (2016). Therapeutic practice as social construction. In M. O'Reilly et al. (Eds.), *The Palgrave handbook of adult mental health* (pp. 502-519). Palgrave Macmillan, London.

Gergen, K. J. & Warhuus, L. (2001). Terapia como construção social: características, reflexões, evoluções. In: Gonçalves, M. M.; & Gonçalves, O. F. (org.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto Editora.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf)

Grandesso, M. A. (2019). *Construcionismo Social e práticas colaborativo-dialógicas: contextos de ações transformadoras*. Editora CRV.

Grandesso, M. A. (2018). *Colaboração e diálogo: Aportes teóricos e possibilidades práticas*. Editora CRV.

Grandesso, M. A. (2017). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: Um diálogo entre teoria e práticas*. Editora CRV.

Grandesso, M. (2002). Terapias pós-modernas: um panorama. *Sistemas familiares*, 18(3), 19-27.

Guanaes, C. & Japur, M. (2008). Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13, 117-124. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.scielo.br/j/epsic/a/CRQZdKKLvbnKvHhs85BMNMb/?format=pdf&lang=pt>

Guanaes, C. & Mattos, A. T. R. D. (2011). Contribuições do movimento construcionista social para o trabalho com famílias na estratégia saúde da família. *Saúde e sociedade*, 20, 1005-1017. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/6cMrg7fS8xVwXvQpH6sNRBQ/?format=pdf&lang=pt>

Guanaes, C. & Rasera, E. F. (2006). Therapy as social construction: An interview with Sheila McNamee. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 40(1), 127-136. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v40n1/v40n1a14.pdf>

Guimarães, N. V. (2018). As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 55-70. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632018v27n62a04>

Guimarães, F. L. & Costa, L. F. (2003). Clínica psicológica do adolescente: do sistema à abordagem narrativista. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 12(24), 163-174. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300005>

Hintz, H. C., & Souza, M. O. (2009). A terapia familiar no Brasil. In: Osório, L. C.; Valle, M. E. P. *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed, p. 92.

Labs, M. S. & Grandesso, M. (2017). Processos reflexivos: ampliando possibilidades para terapeutas que atendem sem equipe. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(58), 98-113. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/299/285>

Lenzi, B. (2015). A construção da postura profissional para o encontro terapêutico. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(53), 7-23. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/109>

Lenzi, B. (2017). O fazer e o estar em terapia dialógica colaborativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 37-52. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412017000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000100004&lng=pt&tlng=pt)

Lenzi, B. (2020). Responsividade Reflexiva: um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(66), 22-35. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.503>

Lenzi, T. P. (2013). Personagens internos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(47), 86-98. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/34>

Lenzi, T. & Lenzi, B. (2018). O Sexo Dialógico: um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 71-82. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412018000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000100006&lng=pt&tlng=pt).

Lima, A. S. D. C. & Corsini, L. F. (2020). Tecendo redes, construindo pontes: atendimento a uma família migrante na clínica de famílias do Instituto Noos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(66), 36-48. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.564>

Lima, T. C. S. & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, v10, 37-45. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

Lima, M. & Viana, E. (2009). Formação em Psicologia e Psicoterapias: algumas considerações para o debate. In: Rodrigues, H. J. L. F.; Brito, A. L. (Orgs.). *Ano da Psicoterapia*. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/Ano-da-Psicoterapia-Textos-geradores.pdf>

Lo Bianco, A. C., & Bastos, A. V. B. (1994). Concepções e atividades emergentes na Psicologia clínica: Implicações para a formação. In: Conselho Federal de Psicologia. (Ed.),

*Psicólogo brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Manfrim, A. F. & Rasera, E. (2016). Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 34-48. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412016000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412016000300004&lng=pt&tlng=pt)

Martínez, A. I. (2004). ¿Qué es la terapia colaborativa?. *Athenea Digital: revista de pensamiento e investigación social*, (5), 216-223.

Martins, P. P. S. (2013). Participação da família no tratamento em saúde mental como prática no cotidiano do serviço. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado em 20 de março de 2021, de <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/80535/a-participacao-da-familia-no-tratamento-em-saude-mental-como>

Martins, P. P. S., Santos, C. P. D. & Rasera, E. F. (2013). A terapia focada na solução e suas aproximações ao discurso construcionista social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(1), 111-120. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000100012>

Martins, P. P. S. (2017). Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi:10.11606/T.59.2017.tde-23052017-090038>

Martins, P. P. S. & Arantes, M. (2018). Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 6-23. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632018v27n62a01>

Martins, P. & Arantes, M. (2020). Como ser um bom terapeuta? Uma conversa honesta sobre a prática clínica. [Ebook]. Uberlândia. Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://www.intervencaoesterapeuticas.com.br/home>

McNamee, S. (2001). Reconstruindo a terapia num mundo pós-moderno: recursos relacionais. In: Gonçalves, M. M.; Gonçalves, O. F. (Orgs.) *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*, 235-264. Coimbra, Quarteto Editora. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://mypages.unh.edu/sheilamcnamee/publications/reconstruindo-terapia-num-mundo-pos-moderno-recursos-relacionais>

McNamee, S. (2010). Research as Social Construction: Transformative Inquiry (Pesquisa como construção social: investigação transformativa). *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, 1(1), 09-19. Recuperado em 20 de março, 2021, de [https://www.researchgate.net/publication/277736842\\_Research\\_as\\_Social\\_Construction\\_Transformative\\_Inquiry\\_Pesquisa\\_como\\_construcao\\_social\\_investigacao\\_transformativa](https://www.researchgate.net/publication/277736842_Research_as_Social_Construction_Transformative_Inquiry_Pesquisa_como_construcao_social_investigacao_transformativa)

McNamee, S. & Gergen, K. (1998). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas.

McNamee, S. & Gergen, K. J. (1999). *Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Mofarrej, G. J. C., Paschoal, V. N. & Medina, G. B. K. (2020). Práticas Colaborativas e Dialógicas como Recursos para a Promoção da Saúde Mental: uma Entrevista com Harlene Anderson. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 9(2), 9-18. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.17648/2447-1798-revistapsicofae-v9n2-1>



Neubern, M. S. (2009). Quem é o Dono da Psicoterapia? Reflexões sobre a Complexidade, a Psicologia e a Interdisciplinaridade. In: Rodrigues, H. J. L. F.; Brito, A. L. (Orgs.). *Ano da Psicoterapia*. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/Ano-da-Psicoterapia-Textos-geradores.pdf>

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2004). A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(1), 82-93. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100010>

Pasini, V. P. & Machado, E. M. (2012). Clínica(s) em Psicologia. In: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (org.), *Entre Linhas*. 2(60), 4-5. Rio Grande do Sul, Conselho Regional de Psicologia 7ª Região. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://www.crprs.org.br/entrelinhas/assets/edicaopdf/1945b-arquivo60.pdf>

Paula-Ravagnani, G. S., Guanaes-Lorenzi, C., Rasera, E. F. & McNamee, S. (2016). O discurso construcionista social na prática clínica de terapeutas familiares. *Psicologia em Estudo*. 21(2), 267-278. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i2.28651>

Pereira, H. R. (2004). A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, 2(2), 87-98. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100007&lng=pt&tlng=pt)

Picolo, C. C. R. D. & Fernandes, B. S. (2008). Re-significando o grupo e a velhice. *Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*. 9(2), 68-77. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5535417>

Piñero, J. M. L. (2003). Del hipnotismo a Freud. Orígenes históricos de la psicoterapia. *Chilena de neuro-psiquiatria*, 41(4), 301-303. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-92272003000400008>

Portela, M. A. (2008). A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25(1), 131-140. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100013>

Pozzer, L. A. & Novaes, E. D. D. F. (2019). Teoria do posicionamento e terapia familiar: criando novas posições discursivas na relação entre mãe e filho. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(65), 19-35. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.38034/nps.v28i65.535>

Rasera, E. F. & Guanaes-Lorenzi, C. (2012). A difusão do construcionismo social no Brasil: produção do conhecimento na academia e no contexto clínico. Projeto apresentado Edital de Ciências Humanas CNPq. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 431- 439.

Rasera, E. F., Guanaes-Lorenzi, C. & Corradi-Webster, C. M. (2016). Pesquisa como prática social: o pesquisador e os "outros" na produção do conhecimento. *Athenea digital: revista de pensamento e investigación social*, 16(2), 0325-347. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1839>

Rasera, E. F., Guanaes, C. & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 157-165. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000200004>

Rasera, E. F., & Japur, M. (2006). Sobre a preparação e a composição em terapia de grupo: descrições construcionistas sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 131-141.

Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000100018>

Rasera, E. F. & Japur, M. (2005a). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, 15(30), 21-29. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>

Rasera, E. F., & Japur, M. (2005b). Problema e mudança em terapia de grupo: descrições construcionistas sociais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21, 33-41. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000100006>

Rasera, E. F. & Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de psicologia*, 9(3), 431-439. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300005>

Rasera, E. F., Taverniers, K. & Vilches-Álvarez, O. (2017). *Construccionismo Social en acción: Prácticas inspiradoras en diferentes contextos*. Chagrin Falls, OH: Taos Institute Publications.

Ravagnani, G. S. D. P. (2019). *A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.11606/T.59.2019.tde-01062020-191050>

Ravagnani, G. S. D. P. (2015). *Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.11606/D.59.2015.tde-14042015-110146>

Ravagnani, G. S. D. P., Guanaes, C. L. & Rasera, E. F. (2017). A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 27(67), 84-92. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://doi.org/10.1590/1982-43272767201710>

Ribeiro, P. C. C. (2015). A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8 (SPE), 269-283. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8nspe/09.pdf>

Rodegheri, V. L. (2011). *A psicoterapia em 23 periódicos nacionais: uma contribuição à história da psicologia no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16953>

Roudinesco, E. (2005). *O paciente, o terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (ebook)

Sales, C. M. D. C. P. & Cabral, D. W. A. (2019). Contribuições e implicações da perspectiva dialógica: o self do (a) terapeuta na terapia familiar/casal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (63), 21-41.

Sanches-Justo, J., Ferreira, S. L., Vasconcelos, M. S., & Justo, J. S. (2010). O construcionismo social na pesquisa em psicologia. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(1), 24-36. Recuperado em 20 de março, 2021, de <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/424>

Santos, M. A. (2005). "Nós na fita": terapia de casal na abordagem sistêmica sob o enfoque construcionista social. *Vínculo-Revista do NESME*, 2 (2). Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.redalyc.org/pdf/1394/139420849007.pdf>

Schmidt, M. L. S. (2015). Aconselhamento psicológico como área de fronteira. *Psicologia USP*, 26(3), 407-413. Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140033>

Setton, M. Z. (2019). "O menino e a abóbora": a arte de um encontro. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 20-31. Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a02>

Shazer, S. (1994). *Words were originally magic*. New York: WW Norton & Company.

Souza, E. M. D., Silva, D. P. P. & Barros, A. S. D. (2021). Educação popular, promoção da saúde e envelhecimento ativo: uma revisão bibliográfica integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 1355-1368. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.09642019>

Souza, L. V. (2018). Aconselhamento Psicológico como Construção Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 262-274. Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003762017>

Souza, L. V. & Santos, M. A (2012). Construcionismo social e investigação científica: aberturas para a produção de conhecimento. In: Barroso, S. M.; Scorsolini-Comin, F. (Orgs). *Diálogos em Psicologia: práticas profissionais e produção do conhecimento*. Uberaba: Editora da UFTM, 2012, p.107-120. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4976378/mod\\_resource/content/1/Construcionismo\\_social\\_e\\_investigacao\\_ci%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4976378/mod_resource/content/1/Construcionismo_social_e_investigacao_ci%20%281%29.pdf)

Spink, M. J. P. & Frezza, R. M. (2013). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. In: Spink, M. J. P. (org). *Práticas*

*discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 1-21.

Soar Filho, E. J. (1998). Novos Paradigmas da Psicologia e das Terapias Psicológicas Pós-Modernas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(1), 85-96. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17312>

Svartman, B. (2011). Crise na clínica na atualidade e transformações. *Vínculo-Revista do NESME*, 8(2). Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <https://www.redalyc.org/pdf/1394/139422412007.pdf>

Uber, M. L. R. & Boeckel, M. G. (2014). A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais. *Pensando Famílias*, 18(2), 108-123. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a09.pdf>

Vargas, M. G. (2010). Concepto de psicoterapia en psicología clínica. *Revista de Psicología: (Universidad de Antioquia)*, 2(2), 19-32. Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S214548922010000200003&lng=pt&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S214548922010000200003&lng=pt&tlng=es).

Vieira Junior, E. N. (2018). *A ciência na obra de Kenneth Gergen*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado em 27 de agosto, 2021, de <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.748>

Vieira Junior, E. N., Rasesa, E. F. & Guanaes-Lorenzi, C. (2017). Educação como construção social: Aproximações entre construcionismo social e educação na literatura brasileira. *Construccionismo Social en acción: Prácticas inspiradoras en diferentes contextos*, 317.

Vilela, L., Lion, C. M., Vidotto, L. T. & Moscheta, M. (2020). Recursos da terapia narrativa de sessão única em tempos de pandemia e isolamento social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 7-22. Recuperado em 13 de novembro, 2021, de <http://dx.doi.org/10.38034/nps.v29i67.571>

Vogel, A. (2012). O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social. *IGT na Rede*, 9(16). Recuperado em 20 de março, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262012000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262012000100007&lng=pt&tlng=pt)

Vogel, A. (2011). Um breve histórico da terapia familiar sistêmica. *Revista IGT na rede*, 8(14), 116-129. Recuperado em 11 de julho, 2021, de <https://biblat.unam.mx/hevila/IGTnarede/2011/vol8/no14/8.pdf>

Werneck Filho, B. D. (2012). Construcionismo social: alternativa teórica para práticas em psicoterapia. *Psychiatry online Brasil*, 17(8). Recuperado em 20 de março, 2021, de <http://www.polbr.med.br/ano12/pcl0812.php>

White, M. & Epston, D. (1990). *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Buenos Aires: Paidós. Recuperado em 20 de março, 2021, de [https://www.researchgate.net/publication/49550028\\_Medios\\_narrativos\\_para\\_fines\\_terapeuticos](https://www.researchgate.net/publication/49550028_Medios_narrativos_para_fines_terapeuticos)

## 6 – ANEXOS

Tabela 3.1 – A difusão das terapias ligadas ao construcionismo no contexto acadêmico brasileiro

Ano	Título	Autor(es)	Orientador(a) da pesquisa de mestrado ou doutorado	Formação dos autores	Instituição ou Revista vinculadas às publicações	Objetivos gerais
2010	<b>Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa</b>	Carrijo, R. S. & Rasera, E. F.	Artigo	<b>Carrijo:</b> mestrado em Psicologia <b>Rasera:</b> doutorado em Psicologia	Revista Psicologia Clínica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “O objetivo deste estudo é compreender o processo de mudança em psicoterapia de grupo a partir das transformações das narrativas de si mesmo de um participante...” (p. 129)
2010	<b>A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família</b>	Costa, L. F.	Artigo	Doutorado em Psicologia	Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “O presente texto tem por objetivo traçar uma breve trajetória teórica, conceitual, empírica e tecnológica do estudo da família na perspectiva sistêmica e apontar a consequente proposta de intervenções para a clínica da família.” (p. 95)
2012	<b>O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social</b>	Vogel, A. R.	Artigo	Graduação em Psicologia	Revista IGT na rede	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “O presente trabalho teve como objetivo pensar o papel ocupado pelo terapeuta na relação terapêutica a partir de duas abordagens, a Gestalt-terapia e a teoria Sistêmica Construcionista Social.” (No resumo)
2013	<b>A poética do desenho em terapia de casal</b>	Biagi-Borges, A. L.	Rasera, E. F.	<b>Borges:</b> mestre em Psicologia <b>Rasera:</b> doutor em Psicologia	Universidade Federal de Uberlândia	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “Compreender os processos relacionais de coconstrução de sentidos mediante a criação do desenho, no contexto de Terapia de Casal...” (No resumo)
2013	<b>A participação da família no tratamento em Saúde Mental como prática no cotidiano do serviço</b>	Martins, P. P. S.	Guanaes-Lorenzi, C.	<b>Martins:</b> doutor em Psicologia <b>Guanaes-Lorenzi:</b> doutora em Psicologia	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “Compreender como familiares atendidos em um programa de assistência à família, no contexto de uma instituição de Saúde Mental, constroem sentidos sobre sua participação no tratamento.” (No resumo)



2013	<b>A terapia focada na solução e suas aproximações ao discurso construcionista social</b>	Martins, P. P. S.; Santos, C. P. & Rasera, E. F.	Artigo	<b>Martins:</b> doutor em Psicologia <b>Santos:</b> mestre em Psicologia <b>Rasera:</b> doutor em Psicologia	Revista Estudos de Psicologia	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “O objetivo deste estudo é analisar a constituição e a estrutura da Terapia Focada na Solução, em seus aspectos teórico-metodológicos, bem como compreender as tensões epistemológicas decorrentes do exercício de aproximação da proposta ao discurso construcionista social.” (p. 112)
2014	<b>A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais</b>	Uber, M. L. R. & Boeckel, M. G.	Artigo	<b>Uber:</b> graduada em Psicologia <b>Boeckel:</b> doutora em Psicologia	Revista Pensando Famílias	<b>A difusão de teorias e técnicas entre os terapeutas familiares:</b> “O presente trabalho buscou conhecer a percepção de terapeutas de família sobre a rede social na prática clínica.” (p. 119)
2015	<b>Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar</b>	Barbosa, M. B. & Guanaes-Lorenzi, C.	Artigo	<b>Barbosa:</b> graduada em Psicologia <b>Guanaes-Lorenzi:</b> doutora em Psicologia	Revista Psicologia Clínica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “(...) o presente estudo tem como objetivo compreender os sentidos produzidos por familiares, atendidos em terapia familiar com base nas propostas construcionistas sociais, sobre seu processo terapêutico.” (p. 20)
2015	<b>Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades</b>	Ravagnani, G. S. de P.	Guanaes- Lorenzi, C.	<b>Ravagnani:</b> doutora em Psicologia <b>Guanaes-Lorenzi:</b> doutora em Psicologia	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	<b>A difusão de teorias e técnicas entre os terapeutas familiares:</b> “Investigar a difusão do discurso construcionista social entre um grupo de terapeutas familiares, focado em como este se constitui em um aporte útil para sua prática clínica.” (p. 43)
2016	<b>Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social</b>	Manfrim, A. F. N. & Rasera, E. F.	Artigo	<b>Manfrim:</b> mestre em Psicologia <b>Rasera:</b> doutor em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “(...) o presente trabalho tem por objetivo analisar as possíveis relações entre o discurso construcionista e os conceitos e práticas da terapia social, buscando identificar aproximações e distanciamentos entre estes olhares para a terapia.” (p. 36)

2017	<b>O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social</b>	Doricci, G. C., Crovador, L. F. & Martins, P. P. S.	Artigo	<b>Doricci:</b> doutora em Psicologia <b>Crovador:</b> mestre em Psicologia <b>Martins:</b> doutor em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “(...) este artigo tem como objetivo refletir sobre a postura do não saber e o lugar do especialista na terapia colaborativa.” (p. 39) “Nosso objetivo não é produzir uma argumentação em favor de uma ou outra maneira de conduzir as conversas terapêuticas, mas dar visibilidade a como diferentes leituras sobre o lugar do especialista em terapia colaborativa proporcionam determinadas formas práticas em detrimento de outras.” (p. 39)
2017	<b>O trabalho com Equipes Reflexivas: revisão de literatura</b>	Fiorini, M. C., Guisso, L. & Crepaldi, M. A.	Artigo	<b>Fiorini:</b> mestre em Psicologia <b>Guisso:</b> mestre em Psicologia <b>Crepaldi:</b> doutora em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “(...) pretende-se apresentar a produção científica brasileira e internacional sobre equipes reflexivas, fomentando uma discussão a respeito dos assuntos.” (p. 87)
2017	<b>O Fazer e o Estar em terapia dialógica colaborativa</b>	Lenzi, B.	Artigo	Graduado em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “Este artigo traz as transformações experimentadas ao longo de um processo terapêutico com um jovem de 20 anos... Compartilho também as transformações vividas por mim e que me acompanham em todas as relações em que me engajo.” (No resumo)
2017	<b>Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental</b>	Martins, P. P. S.	Guanaes-Lorenzi, C.	<b>Martins:</b> doutor em Psicologia <b>Guanaes-Lorenzi:</b> doutora em Psicologia	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “Analisar a aproximação de uma prática com famílias à noção de clínica ampliada no cuidado em saúde mental.” (p. 43)
2017	<b>A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social</b>	Ravagnani, G. De P.; Guanaes-Lorenzi, C. & Raserá, E. F.	Artigo	<b>Ravagnani:</b> doutora em Psicologia <b>Guanaes-Lorenzi:</b> doutora em Psicologia <b>Raserá:</b> doutor em Psicologia	Revista Paidéia	<b>A difusão de teorias e técnicas entre os terapeutas familiares:</b> “O objetivo deste artigo é compreender como terapeutas familiares utilizam diferentes teorias da TF, especialmente, o construcionismo social.” (No resumo)

2018	<b>Cerimônia de definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta</b>	Coutinho, A. L.	Artigo	Graduada em Comunicação Social	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “Tendo como pano de fundo a transformação da minha escuta como terapeuta durante o processo de formação em terapia familiar, proponho uma reflexão sobre a teoria em ação, num contexto de atendimento que me gerou um grande impacto pela sua complexidade e proporcionou refletir sobre a teoria que embasava o curso, assim como as crenças que me constituíam naquele momento, conformando meu ser/estar em relações” (p. 40)
2018	<b>As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária</b>	Guimarães, N. V.	Artigo	Mestre em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “O objetivo dessa produção é refletir sobre o impacto de algumas conversações terapêuticas transformadoras que ocorreram na vida da cliente...” (p. 60)
2018	<b>O sexo dialógico: um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais</b>	Lenzi, T. & Lenzi, B.	Artigo	<b>Lenzi, T.:</b> graduada em Psicologia <b>Lenzi, B.:</b> graduado em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “(...) o primeiro objetivo deste artigo: definir nosso entendimento de sexo dialógico.” (p. 72)
2018	<b>Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança</b>	Martins, P. P. S. & Arantes, M. S.	Artigo	<b>Martins:</b> doutor em Psicologia <b>Arantes:</b> graduada em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “(...) este artigo tem como objetivo descrever as “cerimônias de encerramento”, um formato de sessão utilizado na finalização de atendimentos individuais.” (no Resumo)
2018	<b>Aconselhamento Psicológico como Construção Social</b>	Souza, L. V.	Artigo	Doutora em Psicologia	Revista Psicologia: Ciência e Profissão	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “Buscando fomentar uma discussão crítica sobre AP, este estudo tem como objetivo apresentar e discutir as contribuições que a perspectiva construcionista social pode trazer para se pensar esse campo...” (p. 262)
2019	<b>O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil</b>	Fernandes, T. R. & Nascimento, V. A.	Artigo	<b>Fernandes:</b> graduando em Psicologia <b>Nascimento:</b> graduado em História e em Direito	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>A difusão de teorias e técnicas entre os terapeutas familiares:</b> “(...) mapear a produção de artigos científicos sobre psicoterapia de orientação construcionista social no Brasil” (p. 7)
2019	<b>Teoria do posicionamento e terapia familiar: criando novas posições</b>	Pozzer, L. A. & Novaes, E. D. F.	Artigo	<b>Pozzer:</b> graduada em Comunicação Social <b>Novaes:</b> graduado em Psicologia na UNESP	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “(...) o objetivo deste artigo é dar visibilidade ao processo de construção de novas posições discursivas para a relação de uma mãe e um

	<b>discursivas na relação entre mãe e filho</b>			Bauru		filho, a partir do foco no processo de comunicação e do uso de uma metáfora.” (No resumo)
2019	<b>A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar</b>	Ravagnani, G. S. de P.	Guanaes-Lorenzi, C.	<b>Ravagnani:</b> doutora em Psicologia <b>Guanaes-Lorenzi:</b> doutora em Psicologia	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	<b>A difusão de teorias e técnicas entre os terapeutas familiares:</b> “Compreender como terapeutas familiares integram teorias e técnicas como recursos para a prática clínica, em seu cotidiano de atendimentos.” (p. 46)
2019	<b>“O menino e a abóbora”: a arte de um encontro</b>	Setton, M. Z.	Artigo	Mestre em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “Neste artigo, a partir da prática terapêutica, a autora relata a busca de um embasamento teórico para a compreensão de um atendimento no qual se obteve resultados surpreendentes em prazo muito curto, partindo de uma postura do “não saber”.” (No resumo)
2020	<b>Tecendo redes, construindo pontes: atendimento a uma família migrante na clínica de família do Instituto Noos</b>	Lima, A. S. da C. & Corsini, L. F.	Artigo	<b>Lima:</b> graduada em Pedagogia <b>Corsini:</b> mestre em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>A investigação do processo terapêutico e suas implicações:</b> “Neste artigo compartilhamos os desafios que vivenciamos no atendimento em terapia familiar a uma família de migrantes na Clínica Social do Instituto Noos, em São Paulo.” (No resumo)
2020	<b>Responsividade Reflexiva: um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas</b>	Lenzi, B.	Artigo	Graduado em Psicologia	Revista Nova Perspectiva Sistêmica	<b>Análises sobre as abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas:</b> “Neste artigo apresento a síntese de dois conceitos, desenvolvidos por dois autores proeminentes das práticas dialógicas, cito Responsividade, por John Shotter (2017a, 2017b, Shotter & Katz, 1999) e Reflexividade, por Tom Andersen (1998, 2002, 2007a, 2007b).” (p. 23)

Tabela 3.2 – O movimento construcionista na academia

Título	Referências construcionistas privilegiadas entre o conjunto de dados	Conceitos de construcionismo social
<b>Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa (Carrijo &amp; Rasera, 2010)</b>	<b>Anderson, H. &amp; Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber.</b> In: McNamee, S. & Gergen, K. J. (orgs.). <i>A terapia como construção social</i> (pp. 35-50). Porto Alegre: Artes Médicas.	<b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “O Construcionismo Social é uma perspectiva teórica pós-moderna que, diferentemente de epistemologias tradicionais, explica o processo de significação e construção de sentidos por meio dos processos de interação humana (Spink, 2003).” (p. 126)
<b>A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família (Costa, 2010)</b>	<b>Anderson, H., &amp; Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber.</b> Em S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), <i>A terapia como construção social</i> (C. O. Dornelles, Trad.) (pp. 34-50). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995) <b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (Orgs.) (1998). A terapia como construção social</b> (C. O. Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995)	<b>Teoria que auxilia na prática terapêutica:</b> “Os estudos sobre a linguagem tiveram influência sobre a intervenção com famílias, configurado no surgimento da Abordagem Narrativista (White, 1997)... Duas correntes teóricas forneceram subsídios para essa abordagem: O Construtivismo e o Construcionismo Social.” (p. 99)
<b>O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social (Vogel, 2012)</b>	<b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (Orgs.) (1998). A terapia como construção social</b> (C. O. Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995)	<b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “O construcionismo social é uma epistemologia que surge nesse contexto...” (p. 131) (no contexto das terapias de família sistêmica)
<b>A poética do desenho em terapia de casal (Borges, 2013)</b>	<b>Anderson, H. &amp; Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber.</b> In: S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), <i>A terapia como construção social</i> (C. O. Dornelles, Trad.) (pp. 34-50). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995)	<b>Ênfases construcionistas:</b> “Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa fundamentada no construcionismo responsivo-relacional de Shotter (2008), cuja ênfase recai nos processos locais e situados de construção de sentido, na dinâmica do momento interativo imediato e na atenção à investigação sobre o fluxo conversacional...” (p. 64)
<b>A participação da família no tratamento em Saúde Mental como prática no cotidiano do serviço (Martins, 2013)</b>	<b>Anderson, H. (1997). Conversation, Language and Possibilities: a Post-Modern Approach to Therapy.</b> New York: Basic Books. <b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1992). Therapy as social construction.</b> Thousand Oaks: Sage	<b>Ênfases construcionistas:</b> “Esta pesquisa foi desenvolvida em um perspectiva qualitativa de cunho construcionista social e a premissa básica que a sustenta é a de que conhecimento é criado e sustentado por meio de práticas compartilhadas (Gergen, 1997).” (p. 39)

<p><b>A terapia focada na solução e suas aproximações ao discurso construcionista social (Martins, Santos &amp; Rasera, 2013)</b></p>	<p><b>Anderson, H., &amp; Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista.</b> In S. McNamee &amp; K. J. Gergen (Orgs.), A terapia como construção social (pp.201-202). Porto Alegre: Artes Médicas. <b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (Orgs.) (1998). A terapia como construção social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Discurso em Psicologia:</b> “Afirmando o construcionismo como um discurso mutante e múltiplo sobre a prática psicológica (Gergen, 2006; Holzman &amp; Mendes, 2003; Rasera &amp; Japur, 2004)...” (p. 112)</p>
<p><b>A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais (Uber &amp; Boeckel, 2014)</b></p>	<p><b>Anderson, H., &amp; Goolishian, H. (1998). O Cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não saber.</b> In S. McNamee, &amp; K. Gergen. A terapia como construção social. (pp. 34 – 50). Porto Alegre: Artes Médicas. <b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1998). A terapia como construção social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Discurso em Psicologia:</b> “O Construcionismo Social é a criação constante de significados dentro do diálogo.” (p. 110)</p>
<p><b>Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar (Barbosa &amp; Guanaes-Lorenzi, 2015)</b></p>	<p><b>Anderson, H., &amp; Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber.</b> In S. McNamee, &amp; K. J. Gergen (Orgs.), A terapia como construção social (p.35-50). Porto Alegre: Artes Médicas. <b>McNamee, S., &amp; Gergen, K. (1998). A terapia como construção social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Ênfases construcionistas:</b> “Essa análise permitiu reconhecer algumas ênfases construcionistas presentes nos atendimentos, tais como foco no significado, na polissemia, na polivocalidade e no processo conversacional.” (No resumo)</p>
<p><b>Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades (Ravagnani, 2015)</b></p>	<p><b>Anderson, H. &amp; Goolishian, H. (1993). O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de NÃO SABER.</b> Nova Perspectiva Sistêmica, 2(3), 8-24. <b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1998). A terapia como construção social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “(...) o construcionismo é uma forma crítica de olhar para o mundo...” (p. 77) “Esta epistemologia é o ponto de partida de diversas transformações no campo da terapia em geral...” (p. 35) “(...) ele pode ser considerado uma metateoria.” (p. 49)</p>
<p><b>Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social (Manfrim &amp; Rasera, 2016)</b></p>	<p><b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1998). A Terapia como Construção Social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Discurso em Psicologia:</b> “Apesar da difícil circunscrição de seu surgimento e definição e da grande quantidade de autores, o movimento construcionista pode ser entendido como um discurso que se articula em torno de alguns pressupostos centrais (Gergen, 1999; Rasera &amp; Japur, 2007)” (p. 34) <b>Movimento científico e social:</b> “Chamá-lo de movimento significa comprometer-se com a pluralidade, fluidez e mudanças deste campo, entendendo que não há uma única explicação e caracterização possível, ou um único construcionismo social, mas maneiras de descrevê-lo que não são independentes dos contextos (Rasera &amp; Guanaes, 2006; Souza, 2014).” (p. 34)</p>

<p><b>O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social (Doricci, Crovador &amp; Martins, 2017)</b></p>	<p>Anderson, H., &amp; Goolishian, H. A. (1992). <b>The client is the expert: A not-knowing approach to therapy.</b> In S. McNamee &amp; K. J. Gergen (Eds.), <i>Therapy as social construction</i> (Inquiries in social construction series) (pp. 25-39). Thousand Oaks: Sage.</p> <p>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1992). <b>Therapy as social construction</b> (Inquiries in social construction series). Thousand Oaks: Sage.</p>	<p><b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “O campo da terapia familiar experimentou importantes transformações epistemológicas a partir da década de 80... O Construcionismo Social compõe parte deste movimento, promovendo algumas transformações... Dessa forma, o Construcionismo Social oferece primordialmente, para o campo da terapia familiar, uma orientação ou postura com relação à produção do conhecimento a partir da qual as diferentes teorias e técnicas se transformam em opções discursivas para o engajamento no processo conversacional (McNamee, 2004).” (p. 40)</p>
<p><b>O trabalho com Equipes Reflexivas: revisão de literatura (Fiorini, Guisso &amp; Crepaldi, 2017)</b></p>	<p>Anderson, H. (1997). <b>Conversation, language and possibilities: a postmodern approach to therapy.</b> New York: Basic Books, 1997, p. 308</p>	<p><b>Ênfases construcionistas:</b> “As principais contribuições do construcionismo social se articulam em torno de quatro pontos principais: a ênfase na cultura e na história enquanto forma de se conhecer o mundo; a importância dos relacionamentos, entendida como fonte de produção e sustentação de conhecimento; a conexão entre conhecimento e ação; e a valorização da postura crítica (Burr, 1995; Gergen, 1999).” (p. 85-86)</p>
<p><b>O Fazer e o Estar em terapia dialógica colaborativa (Lenzi, 2017)</b></p>	<p>Anderson, H., &amp; Goolishian, H. (1998). <b>O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber.</b> In: S. McNamee, &amp; K. J. Gergen (Orgs.). <i>A Terapia como Construção Social</i> (pp. 34 –50). Porto Alegre: Artes Médicas.</p> <p>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1998). <b>A Terapia como Construção Social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “Durante as próximas páginas, convidarei ao diálogo os autores do construcionismo social, como epistemologia – uma postura filosófica que inspira práticas diversas...” (p. 37)</p>
<p><b>Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental (Martins, 2017)</b></p>	<p>McNamee, S., &amp; Gergen, K. J. (1992). <b>Therapy as social construction.</b> London, United Kingdom: Sage.</p>	<p><b>Discurso em Psicologia:</b> “Podemos pensar no construcionismo social como um discurso que legitima certas práticas e posicionamentos dos profissionais em sua atuação clínica.” (p. 101) <b>Movimento científico e social:</b> “O construcionismo social é um movimento crítico em ciência que compreende o conhecimento como um produto social...” (p. 13) <b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “(...) o construcionismo pretende-se uma metateoria...” (p. 29)</p>
<p><b>A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi, Rasera, 2017)</b></p>	<p>McNamee, S., &amp; Gergen, K. J. (1992). <b>Therapy as social construction.</b> London, United Kingdom: Sage.</p>	<p><b>Movimento científico e social:</b> “Definido como um movimento da ciência...” (p. 85)</p>

<p><b>Cerimônia de definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta (Coutinho, 2018)</b></p>	<p><b>Anderson, H. &amp; Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: uma abordagem para terapia a partir de uma posição de não saber.</b> In S. McNamee &amp; K. Gergen (Orgs.), <i>Terapia como Construção Social</i> (pp. 34-49). Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento:</b> “Abordagem teórica que se situa na pós-modernidade, surgida no contexto das ciências humanas, propondo um novo entendimento para a concepção e produção de conhecimento.” (p. 44)</p>
<p><b>As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária (Guimarães, 2018)</b></p>	<p><b>Anderson, H. (2011). Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia.</b> São Paulo: Rocca.</p> <p><b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. (1998). A terapia como construção social.</b> Porto Alegre: Artes Médicas.</p>	<p><b>Ênfases construcionistas:</b> “Particularmente, me guiei pelas ideias construcionistas e fundamentei nossas conversações mantendo (a) o foco no significado; (b) em como as pessoas se constroem em relacionamentos e nos significados que orientam suas vidas; (c) na postura coconstrutora do terapeuta, abandonando o papel de especialista e criando conversações que sugerem novos sentidos para a vida do cliente; (d) na ênfase polivocal em oposição à ideia de uma única e verdadeira definição do real; e (e) na visão de um self unificado que promove uma multiplicidade de formas de descrever um problema e na pluralidade de selves que nos habita nos vários relacionamentos que construímos.” (p. 59)</p>
<p><b>O sexo dialógico: um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais (Lenzi &amp; Lenzi, 2018)</b></p>	<p><b>Anderson, H. (2009). Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia.</b> São Paulo: Roca.</p> <p><b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1999). Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue.</b> Thousand Oaks, CA: Sage Publications.</p>	<p><b>Teoria que auxilia na prática terapêutica:</b> “Neste sentido construímos um diálogo entre as perspectivas de gênero e sexualidade construcionistas sociais...” (p. 71) “Com estes conhecimentos explorados, começamos a construção de uma prática de resignificação das experiências de sofrimento com o sexo apresentadas por nossos clientes.” (p. 76)</p>
<p><b>Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança (Martins &amp; Arantes, 2018)</b></p>	<p><b>Anderson, H. &amp; Goolishian, H. A. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach to therapy.</b> In S. McNamee &amp; K. J. Gergen (Eds.), <i>Therapy as social construction</i> (Inquiries in social construction series) (pp. 25-39). Thousand Oaks, CA: Sage</p>	<p><b>Ênfases construcionistas:</b> “(...) as propostas construcionistas sociais, com seu foco nos processos de produção de sentido e construção da realidade a partir dos relacionamentos (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi, &amp; Rasera, 2017).” (p. 8)</p>
<p><b>Aconselhamento Psicológico como Construção Social (Souza, 2018)</b></p>	<p><b>McNamee, S. &amp; Gergen, K. J. (1999). Relational responsibility: Resources for sustainable dialogue.</b> Thousand Oaks: Sage.</p>	<p><b>Discurso em Psicologia:</b> “(...) a preferência de muitos na área em se falar de construcionismo não como teoria ou abordagem, mas como perspectiva ou discurso (Guanaes-Lorenzi, Moscheta, Corradi-Webster, &amp; Souza, 2014), ou como postura filosófica (McNamee, 2005).” (p. 267)</p>
<p><b>O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil (Fernandes &amp; Nascimento, 2019)</b></p>	<p><b>Gergen, K. J. (1985). The social constructionism movement in modern psychology.</b> <i>American Psychologist</i>, 40 (3), 266-275.</p> <p><b>Gergen, K. J. &amp; Ness, O. (2016). Therapeutic practice as social construction.</b> In M. O'Reilly et al. (Eds.), <i>The Palgrave Handbook of Adult Mental Health</i> (pp. 502-519). Hampshire: Palgrave MacMillan.</p>	<p><b>Movimento científico e social:</b> “O construcionismo social, entendido enquanto movimento social recente no Brasil e de grande destaque internacional...” (p. 6) “O construcionismo social desponta não como uma metanarrativa, mas enquanto um movimento, dinâmico, criativo e inovador; perpassado por diversas vozes que produzem inteligibilidades.” (pp. 6-7)</p>
<p><b>Teoria do posicionamento e terapia familiar: criando novas posições</b></p>	<p><b>Anderson, H. &amp; Goolishian, H. (1993). O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de não</b></p>	<p><b>Movimento científico e social:</b> “O aporte para seguirmos com esses pressupostos vem do movimento Construcionista Social, cujo discurso</p>



discursivas na relação entre mãe e filho (Poizzer & Novaes, 2019)	saber. Nova Perspectiva Sistêmica, 2(3), 08-21. McNamee, S. & Gergen, K. (1999). <b>Relational responsibility: resources for sustainable dialogue.</b> Thousand Oaks: Sage Publications.	“em sua crítica às concepções realistas, empiristas e essencialistas do mundo, acaba por enfatizar os processos sociais e discursivos de construção do mundo” (Rasera & Japur, 2007, p. 10).” (p. 20)
A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar (Ravagnani, 2019)	Anderson, H. & Goolishian, H. (1998). <b>O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não saber.</b> In S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), <i>Terapia como Construção Social</i> (pp. 34-50). Porto Alegre: Artes Médicas.	<b>Discurso em Psicologia:</b> “Hoffman (1998) descreve este movimento como sendo uma ‘virada linguística’...” (p. 33)
“O menino e a abóbora”: a arte de um encontro (Setton, 2019)	Anderson, H. & Goolishian, H. (1998). <b>O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não saber.</b> In: McNamee, S. & Gergen, K. J. (Orgs.). <i>Terapia como Construção Social</i> (pp.34-50). Porto Alegre: Artes Médicas.	<b>Teoria que auxilia na prática terapêutica:</b> “Nessa busca por conversas mais ricas e produtivas com os clientes, tenho estudado diversos autores construcionistas sociais...” (p. 22)
Tecendo redes, construindo pontes: atendimento a uma família migrante na clínica de família do Instituto Noos (Lima & Corsini, 2020)	Anderson, H. & Goolishian, H. (1998) <b>O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber.</b> In: McNamee, S.; Gergen, K. (Orgs.). <i>A terapia como construção social.</i> Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.34-50.	<b>Teoria que auxilia na prática terapêutica:</b> “Ao longo do processo, pudemos refletir sobre o quanto de nossas crenças e a nossa postura, inspiradas no Construcionismo Social e nas práticas colaborativas, nos instrumentalizaram para podermos desenvolver este trabalho numa situação tão nova e desafiadora.” (No resumo)
Responsividade Reflexiva: um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas (Lenzi, 2020)	Anderson, H. (2009). <b>Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pósmoderno da terapia.</b> São Paulo: Roca. McNamee, S. & Gergen, K. J. (1999). <b>Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue.</b> Thousand Oaks, CA: Sage Publications.	<b>Teoria que auxilia na prática terapêutica:</b> “O estudo destes dois conceitos, somado às sensibilidades filosóficas da terapia colaborativa-dialógica (Anderson, 2007, 2009) e à teoria construcionista social (Gergen, 2017, McNamee & Gergen, 1999), norteou minha prática clínica e o relacionamento com meus clientes.” (p. 23)

Tabela 3.3.1 – Os sentidos de terapia

Título	Conceitos de terapia
<p><b>Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa</b> (Carrijo &amp; Rasera, 2010)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “(...) processo em que o terapeuta se engaja por meio da conversação a fim de facilitar e cocriar com seu cliente novas narrativas...” (p. 131) <b>Problema:</b> “(...) de acordo com as teorias construcionistas, a psicoterapia é um processo de mudar o discurso ‘problemático’ por um outro mais fluido que permita à pessoa se relacionar melhor consigo mesma, sua vida, bem como com outras pessoas (Lax, 1998).” (p. 127)</p>
<p><b>A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família</b> (Costa, 2010)</p>	<p>Não apresenta um conceito de terapia.</p>
<p><b>O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social</b> (Vogel, 2012)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “(...) o sistema terapêutico é um sistema lingüístico organizado em torno de um problema e de sua resolução.” (p. 135) <b>Problema/preocupação:</b> “A psicoterapia pode ser considerada dentro dessa perspectiva, como “o processo de mudar o discurso ‘problemático’ atual do cliente para outro discurso que seja mais fluido e permita uma gama maior de interações possíveis” (LAX, 1998, p. 86).” (p. 134)</p>
<p><b>A poética do desenho em terapia de casal</b> (Borges, 2013)</p>	<p><b>Comunicação e problema/preocupação:</b> A partir das ideias da abordagem colaborativa, “o sistema terapêutico é entendido como um sistema lingüístico, que se distingue pelo sentido coproduzido em processo, ‘o problema’, sendo, portanto, um sistema determinado pelo problema ou um sistema de organização e dissolução de prolemas.” (pp. 37-38)</p>
<p><b>A participação da família no tratamento em Saúde Mental como prática no cotidiano do serviço</b> (Martins, 2013)</p>	<p><b>Comunicação:</b> As reuniões familiares caracterizam-se por sessões de terapia familiar (p. 72), e são entendidas como “são um contexto que visa o diálogo sobre questões trazidas por aquela família acerca de sua vida cotidiana, adoecimento mental e a dinâmica familiar.” (p. 36)</p>
<p><b>A terapia focada na solução e suas aproximações ao discurso construcionista social</b> (Martins, Santos &amp; Rasera, 2013)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “(...) a Terapia Focada na Solução pode ser uma opção discursiva útil...” (No resumo) <b>Relacionamento:</b> “Nos termos de Anderson e Goolishian (1998), a terapia seria um encontro de dois especialistas: ao cliente caberia a especialidade do conteúdo - sobre o que se conversa -, enquanto ao terapeuta estaria reservada a especialidade do processo - como a conversa é conduzida.” (p. 116)</p>

<p><b>A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais</b> (Uber &amp; Boeckel, 2014)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “Na terapia, a interpretação, a busca do entendimento, é sempre um diálogo entre o cliente e o terapeuta.” (p. 110)</p>
<p><b>Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar</b> (Barbosa &amp; Guanaes-Lorenzi, 2015)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “Segundo Anderson e Goolishian (1998) o sistema terapêutico deve ser considerado como um sistema linguístico.” (p. 19) <b>Problema/preocupação:</b> Terapia Familiar como “(...) uma modalidade terapêutica adequada para o tratamento de diferentes problemas individuais e relacionais (Carr, 2009).” (p. 17)</p>
<p><b>Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades</b> (Ravagnani, 2015)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “(...) terapia como um momento de conversa em que o terapeuta está ativamente engajado na construção de sentidos com os clientes.” (p. 89) <b>Relacionamento:</b> “Segundo Gergen e Warhuus (2001) são quatro os pressupostos derivados da perspectiva construcionista social que permitem entender a terapia como um contexto relacional, os quais influenciam a postura e as metas terapêuticas.” (p. 35) <b>Construção social:</b> “(...) pensar a terapia como construção social é considerá-la um momento de conversa, construção e negociação de significado.” (p. 89) <b>Problema/preocupação:</b> “(...) a terapia passa a ser considerada como uma rede de conversações em torno de um problema...” (p. 31)</p>
<p><b>Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social</b> (Manfrim &amp; Rasera, 2016)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “(...), ao entender a psicoterapia como um processo dialógico de construção de significados, esta é concebida como uma atividade social.” (p. 46) <b>Relacionamento:</b> “(...) como psicoterapia, é uma abordagem positiva, relacional...” (p. 37)</p>
<p><b>O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social</b> (Doricci, Crovador &amp; Marins, 2017)</p>	<p><b>Comunicação:</b> “A premissa fundamental dessa perspectiva descreve a terapia como conversa...” (p. 40) <b>Relacionamento:</b> “(...) um contexto específico de construção relacional de sentidos e de realidades sociais.” (p. 40)</p>
<p><b>O trabalho com Equipes Reflexivas: revisão de literatura</b> (Fiorini, Guisso &amp; Crepaldi, 2017)</p>	<p><b>Relacionamento:</b> A terapia familiar propõe “(...) uma abordagem da psicoterapia sob um enfoque relacional e processual (Cervený, 1994)” (p. 85)</p>
<p><b>O Fazer e o Estar em terapia dialógica colaborativa</b> (Lenzi, 2017)</p>	<p><b>Relacionamento:</b> “Entendo a terapia de igual forma e muito semelhante ao que Anderson e Goolishian (1998) entendiam por especialidade do cliente e especialidade do terapeuta.” (p. 50)</p>

<p><b>Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental (Martins, 2017)</b></p>	<p><b>Construção social:</b> “Gergen e Warhuus (2001) colocam diferentes propostas terapêuticas sob um “guarda-chuva” de orientação construcionista social. Nenhuma dessas propostas partilha de todas as mesmas posturas e práticas, mas promovem diferentes conceitos e intervenções a partir de uma certa lógica de compreensão, qual seja, a da terapia como construção social.” (p. 30)</p>
<p><b>A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi, Raserá, 2017)</b></p>	<p><b>Comunicação:</b> “Na perspectiva construcionista, a terapia é descrita como um processo dialógico em que todos os participantes (terapeuta e clientes) engajam-se na construção conjunta de significados, estabelecendo os limites e as possibilidades de ações, relações e criação de significados dos participantes (McNamee &amp; Gergen, 1992)” (p. 85)</p>
<p><b>Cerimônia de definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta (Coutinho, 2018)</b></p>	<p><b>Construção social:</b> “(...) terapia como construção social...” (p. 45)</p>
<p><b>As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária (Guimarães, 2018)</b></p>	<p><b>Comunicação e relacionamento:</b> “Uma investigação terapêutica baseada nos princípios pós-modernos pressupõe processos discursivos e relacionais de produção de sentido focalizados no modo como as pessoas constroem, numa ação conjunta e corporificada de uso da linguagem, determinadas realidades conversacionais (Raserá &amp; Guanaes, 2010).” (p. 56)</p>
<p><b>O sexo dialógico: um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais (Lenzi &amp; Lenzi, 2018)</b></p>	<p><b>Comunicação:</b> “A terapia era o momento de conversa, de criação de intimidade deles.” (p. 80)</p>
<p><b>Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança (Martins &amp; Arantes, 2018)</b></p>	<p><b>Comunicação:</b> “A definição da terapia como conversa – como um contexto de produção de sentidos...” (p. 8)  <b>Construção social:</b> “McNamee (2004) propõe um entendimento da terapia como uma construção social.” (p. 8)</p>
<p><b>Aconselhamento Psicológico como Construção Social (Souza, 2018)</b></p>	<p><b>Construção social:</b> “Aconselhamento Psicológico como Construção Social” (No título)</p>
<p><b>O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil (Fernandes &amp; Nascimento, 2019)</b></p>	<p><b>Comunicação:</b> “(...) se afirma o caráter dialógico da terapia construcionista...” (p. 15)</p>

<p><b>Teoria do posicionamento e terapia familiar: criando novas posições discursivas na relação entre mãe e filho (Pozzer &amp; Novaes, 2019)</b></p>	<p><b>Comunicação:</b> “Rasera e Japur (2001) dizem que “A terapia marcada por uma influência construcionista tira o foco do interior da pessoa, suas cognições e constructos individuais, e enfatiza seu discurso em uma visão da linguagem como um processo social” (p. 24)</p>
<p><b>A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar (Ravagnani, 2019)</b></p>	<p><b>Relacionamento:</b> “(...) a terapia familiar consolidou-se como uma modalidade <b>terapêutica</b> interessada em compreender as relações...” (p. 23)  <b>Problema/preocupação:</b> “A terapia familiar é um recurso utilizado pela população como forma de auxílio para lidar com situações problemáticas.” (p. 45)</p>
<p><b>“O menino e a abóbora”: a arte de um encontro (Setton, 2019)</b></p>	<p><b>Comunicação:</b> “Logo no início do seu livro Conversações, Linguagens e Possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia (2009), Harlene Anderson conceitua a terapia como “um sistema de linguagem e um evento lingüístico nos quais as pessoas envolvem- -se em um relacionamento colaborativo e conversacional – um esforço mútuo em direção à possibilidade” (p. 3).</p>
<p><b>Tecendo redes, construindo pontes: atendimento a uma família migrante na clínica de família do Instituto Noos (Lima &amp; Corsini, 2020)</b></p>	<p><b>Comunicação, relacionamento e problema/preocupação:</b> “(...) inspiradas pelas ideias de Peter Rober, que redefine a terapia de família como um diálogo, um espaço dialógico que convida a falar das preocupações de cada integrante, mas também daquilo que une e conecta a todos como família e conecta os terapeutas com seus clientes...” (p. 37)</p>
<p><b>Responsividade Reflexiva: um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas (Lenzi, 2020)</b></p>	<p>Não apresenta um conceito de terapia.</p>

Tabela 3.3.2 – A terapia na prática

<b>Título</b>	<b>Tipo de atendimento</b>	<b>Faixa etária do público atendido</b>	<b>Contexto do atendimento</b>	<b>Abordagem terapêutica utilizada</b>
<b>Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa (Carrijo &amp; Rasera, 2010)</b>	Psicoterapia de grupo	Adultos	Clínica Psicológica de uma universidade pública mineira	<b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian/ Processos reflexivos de Tom Andersen/ Práticas narrativas de Michael White e David Epston:</b> “O modelo de atendimento em grupo, de base construcionista social, foi influenciado pelas contribuições da terapia narrativa, da abordagem colaborativa e dos processos reflexivos.” (p. 129)
<b>A poética do desenho em terapia de casal (Borges, 2013)</b>	Terapia de casal	Adultos	Clínica Social de um Instituto de Terapia Familiar em Uberlândia	<b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> “A postura do terapeuta foi pautada na posição filosófica proposta por Anderson (2009) que pressupõe uma atitude respeitosa, reflexiva e compartilhada, em que o terapeuta como observador participante situa-se numa posição igualitária e não hierárquica na construção da realidade terapêutica, e como facilitador participante, cria e sustenta conversações dialógicas numa postura de não saber...” (p. 69)
<b>A participação da família no tratamento em Saúde Mental como prática no cotidiano do serviço (Martins, 2013)</b>	Terapia familiar	Adultos	Hospital-Dia de Psiquiatria (HD) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP)	<b>Processos reflexivos de Tom Andersen:</b> “Estes atendimentos são conduzidos sob uma orientação construcionista social e, quando possível e necessário, ocorrem em um formato de Equipe Reflexiva, tal como proposto por Andersen (1999).” (p. 36)
<b>A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais (Uber &amp; Boeckel, 2014)</b>	Terapia familiar	Não se aplica, uma vez que não relatou caso clínico, mas compartilhou a percepção de terapeutas familiares sobre as redes sociais pessoais	Não se aplica, uma vez que não relatou caso clínico	O artigo não menciona quais abordagens terapêuticas respaldam o trabalho das terapeutas de família entrevistadas. Contudo, os resultados da pesquisa demonstraram que as psicólogas relacionam “a temática das redes sociais pessoais com sua prática clínica...” (No resumo)
<b>Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar (Barbosa &amp; Guanaes-Lorenzi, 2015)</b>	Terapia familiar e de casal	Não revelou	Serviço-escola de Psicologia	<b>Processos reflexivos de Tom Andersen:</b> “Os atendimentos eram feitos com base nas propostas construcionistas sociais e adotavam o trabalho com equipe reflexiva (Andersen, 1991)” (p. 22)

<p><b>Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades (Ravagnani, 2015)</b></p>	<p>Terapia familiar</p>	<p>Não se aplica, uma vez que não relatou caso clínico, mas compartilhou a percepção de terapeutas familiares sobre a utilização de teorias socioconstrucionistas no contexto da terapia familiar</p>	<p>Não se aplica, uma vez que não relatou caso clínico</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> A análise das entrevistas indicou que algumas ênfases de sensibilidade construcionista são utilizadas pelos participantes da pesquisa, como as noções de construção social da realidade, de caráter performático da linguagem, de relativismo moral, de Eu relacional, e de terapia focada nos recursos da família. “(...) ela faz referência às contribuições de Tom Andersen, Harlene Anderson e Harold Goolishian para a construção de novas direções em terapia.” (p. 90) “Em outros momentos, Marina afirma que o construcionismo é um convite para o estabelecimento de relações colaborativas, que para ela são marcadas pelo não julgamento das pessoas com quem conversa.” (p. 77)</p>
<p><b>O Fazer e o Estar em terapia dialógica colaborativa (Lenzi, 2017)</b></p>	<p>Individual</p>	<p>Adulto</p>	<p>“Atendi-o em consultórios diferentes...” (p. 44)</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> “O fazer e o estar em terapia dialógica colaborativa” (No título) “Enquanto identificado com a terapia colaborativa (no sentido de abrimos mão do nosso saber a priori para legitimarmos os saberes locais e contextualmente coerentes de nossos clientes, de promovermos autoria e protagonismo nas histórias)...” (p. 46)</p>
<p><b>Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental (Martins, 2017)</b></p>	<p>Reunião familiar</p>	<p>Adultos e idosos</p>	<p>Hospital-Dia de Psiquiatria (HD) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP)</p>	<p><b>Processos reflexivos de Tom Andersen:</b> Uma dupla de profissionais acompanha o caso (“profissionais de campo”) e, quando solicitado por eles, também uma equipe reflexiva, no formato proposto por Andersen (1999) participa das sessões. Essa proposta visa a facilitação de processos reflexivos...” (p. 9)</p>
<p><b>A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social (Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi &amp; Rasera, 2017)</b></p>	<p>Terapia familiar</p>	<p>Não se aplica, uma vez que não relatou caso clínico, mas compartilhou a percepção de terapeutas familiares sobre a utilização de teorias socioconstrucionistas no contexto da terapia familiar</p>	<p>Não se aplica, uma vez que não relatou caso clínico</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian/ Processos reflexivos de Tom Andersen/ Práticas narrativas de Michael White e David Epston:</b> Os autores puderam observar mais nitidamente a presença das ideias de “Andersen (1991), Anderson (2012) e White (2007)” (p. 87) nos discursos dos terapeutas de família ‘conciliadores-construcionistas’, ou seja, dos profissionais que só utilizam teorias relativas ao Construcionismo Social. “É como usar alguma teoria sistêmica tradicional. Você poderia até usá-las, certo? Mas com um novo visual, uma nova postura. Uma postura de que você é não é mais o especialista em conhecimento.” (p. 87) “Hoje, pratico e me movo com muita calma entre a narrativa e as práticas colaborativas.” (p. 87) “Dentro do construcionismo, a ênfase principal que eu vejo é como lidar com as vozes, as distintas vozes originárias de diferentes tradições.” (p. 87) “(...) para os autores, essas práticas não são “receitas” a serem utilizadas apesar das</p>

				particularidades do cuidado à família, mas acabam sendo estruturadas como guias de referência para a prática cotidiana do profissional.” (p. 87)
<b>Cerimônia de definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta (Coutinho, 2018)</b>	Terapia familiar	Adulto, adolescentes e criança	Instituto Familiaie, de São Paulo	<b>Processos reflexivos de Tom Andersen/ Práticas narrativas de Michael White e David Epston:</b> “Estar na equipe reflexiva, prática desenvolvida por Tom Andersen (2002), possibilitou ouvir tanto a voz dos clientes como as minhas vozes internas num processo de tornar-me observadora do meu próprio observar. Da mesma maneira, conceitos derivados da abordagem da Terapia Narrativa de Michael White, tais como história alternativa e testemunha externa, bem como a Cerimônia de Definição, ritual que utilizo como título do trabalho, conferiram mais consistência a habilidades e recursos que foram adquiridos ao longo do atendimento e do meu próprio processo na formação.” (p. 40)
<b>As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária (Guimarães, 2018)</b>	Terapia individual	Adulto	“(…) selecionei recortes de uma sessão específica individual que durou um ano e meio, com intervalos quinzenais no meu consultório particular. A sessão de onde foram extraídos os fragmentos a serem analisados foi audiogravada e ocorreu na sala de espelho unidirecional com equipe terapêutica durante uma aula do curso de formação no Instituto Humanitas de Pesquisa e Intervenção em Sistemas Humanos, em Salvador, Bahia.” (p. 60)	<b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian/ Práticas narrativas de Michael White e David Epston:</b> “(…) O caso a ser aqui apresentado mostra-se particularmente instigante para o estudo das conversações terapêuticas transformadoras pautadas em alguns pressupostos do construcionismo social, em duas práticas narrativas, a de re-autoria e re-associação de Michael White e David Epston (1990), na Abordagem Colaborativa de Harlene Anderson (2011) e na Investigação Apreciativa de Cooperrider e Whitney (2005).” (p. 59)
<b>O sexo dialógico: um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais (Lenzi &amp; Lenzi, 2018)</b>	Terapia de casal	Adultos	Não revelou	<b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> “(…) refletimos recursos para a prática dialógica colaborativa com nossos clientes no contexto da clínica psicológica...” (p. 72) “Chamamos de prática dialógica colaborativa esta postura filosófica (Anderson 2009; Anderson & Gehart 2007) de acreditar no nosso cliente. Acompanhar seu processo confiante de que o seu saber e a exploração das possibilidades no diálogo conosco e com seus personagens internos (Lenzi, 2013) promoverá a sensação de autoria sobre sua vida e a criatividade para desenvolver novos recursos na superação dos desafios cotidianos” (p. 75)



<p><b>Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança (Martins &amp; Arantes, 2018)</b></p>	<p>Terapia individual</p>	<p>Adulto</p>	<p>Clínica particular</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian/ Processos reflexivos de Tom Andersen/ Práticas narrativas de Michael White e David Epston:</b> “Trata-se, mais particularmente, de três ideias que atravessam nossas cerimônias de encerramento: as cerimônias de definição, de Michael White (2012), o conceito de dupla especialidade do encontro terapêutico, de Harlene Anderson e Harold Goolishian (1992), e os processos reflexivos, de Tom Andersen (1999).” (p. 11)</p>
<p><b>Teoria do posicionamento e terapia familiar: criando novas posições discursivas na relação entre mãe e filho (Poizzer &amp; Novaes, 2019)</b></p>	<p>Terapia familiar</p>	<p>Adulto e criança</p>	<p>Clínica social de um instituto de formação de terapeutas familiares</p>	<p><b>Processos reflexivos de Tom Andersen:</b> “(...) terapeutas amparadas pelo discurso construcionista social...” (p. 38) “O instituto oferece seus atendimentos trabalhando com duas terapeutas em campo e três terapeutas em equipe reflexiva (Andersen, 1996)” (p. 25)</p>
<p><b>A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar (Ravagnani, 2019)</b></p>	<p>Terapia familiar e de casal</p>	<p>Adultos</p>	<p>Clínicas privadas de terapeutas de família</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian/ Processos reflexivos de Tom Andersen/ Práticas narrativas de Michael White e David Epston:</b> “(...) afirma que embasa sua atuação, predominantemente, nas práticas colaborativas propostas por Harlene Anderson, nos processos reflexivos descritos por Tom Andersen e nas práticas narrativas propostas por Michael White e David Epston.” (p. 60) “Ana enfatiza que suas perguntas de exploração são marcadamente influenciadas pelas propostas de Harlene Anderson.” (p. 89) “(...) o uso da proposta dos processos reflexivos constituiu-se como uma maneira de colocar a prática em polifonia. Além disso, promove a utilização da coterapia como um recurso para que novas ideias e pontos de vistas façam parte da conversa terapêutica.” (p. 119) “(...) ela afirma embasar as explorações dos sentimentos e intenções que movem determinadas ações na ideia de conversas de construção de andaimes de Michael White (2012).” (p. 97) “(...) uma atuação mais diretiva parece-lhe mais possível quando ancorada nas ideias propostas por Michael White.” (p. 106) “Conversas que iluminam eventos extraordinários (White, 2012)” (p. 159)</p>

<p><b>“O menino e a abóbora”: a arte de um encontro (Setton, 2019)</b></p>	<p>Terapia familiar</p>	<p>Adultos e criança</p>	<p>Clínica privada da terapeuta de família</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> “As referências teóricas baseiam-se em diversos autores que conversam com o Construcionismo Social, as Práticas Colaborativas e o trabalho com as ressonâncias da família e da terapeuta” (No resumo)</p>
<p><b>Tecendo redes, construindo pontes: atendimento a uma família migrante na clínica de famílias do Instituto Noos (Lima &amp; Corsini, 2020)</b></p>	<p>Terapia familiar</p>	<p>Adulto e crianças</p>	<p>Clínica Social do Instituto Noos</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> “Ao longo do processo, que se encerrou em novembro de 2018, pudemos refletir sobre o quanto de nossas crenças e a nossa postura, inspiradas na abordagem dialógica e nas práticas colaborativas, nos instrumentalizaram para podermos desenvolver este trabalho numa situação tão nova e desafiadora.” (p. 46)  <b>Processos reflexivos de Tom Andersen:</b> “(...) oferecemos, para a primeira sessão, um atendimento com Equipe Reflexiva (Andersen, 2002; Lax,1997)” (p. 39)</p>
<p><b>Responsividade Reflexiva: um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas (Lenzi, 2020)</b></p>	<p>Terapia individual</p>	<p>Não revelou</p>	<p>Não revelou</p>	<p><b>Abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian:</b> “Este artigo descreve experiências no contexto da terapia colaborativa-dialógica...” (No resumo) “A prática colaborativa visa justamente à legitimação da multiplicidade de saberes para que os resultados respeitem a todos os envolvidos e gerem compromisso com as construções sobre as quais todos sentem autoria e participação.” (p. 26)</p>